

EDIÇÃO 21

SETEMBRO 2022

DESCENDÊNCIAS

M A G A Z I N E



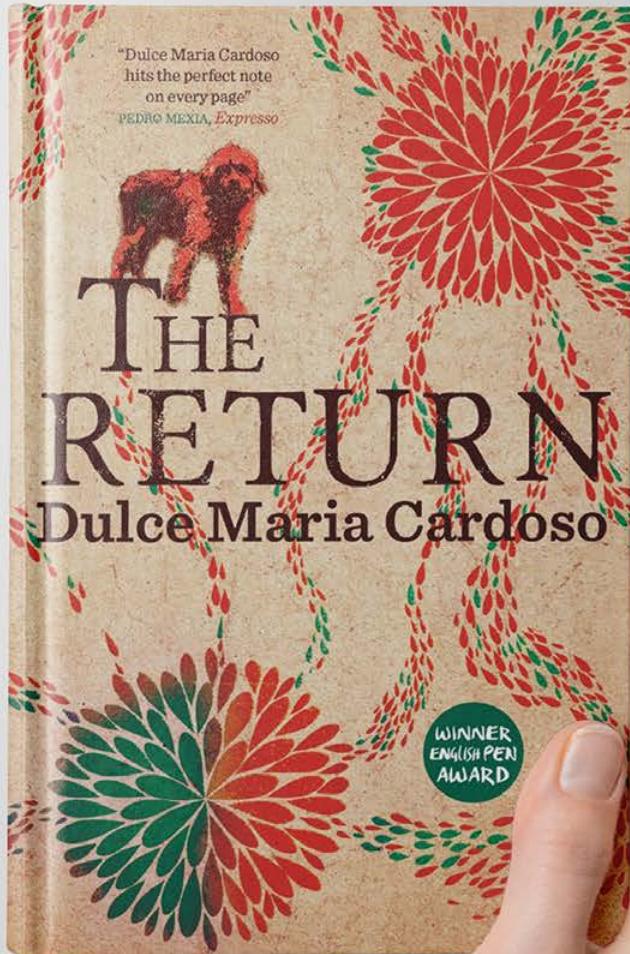
in **PORTUGUESE
TRANSLATION**

4th SESSION

THE RETURN, by Dulce Maria Cardoso
Translated by Ángel Gurría-Quintana

Both author and translator will join us for our
second meeting at PinT Book Club.

Wednesday, 21 September 2022
19.00 h (BST)



p/06 e 07.

Obrigado e Boa Viagem
Mais uma ação conjunta

p/ 12.

Grande Entrevista, Professor Luís Cabral considerado o maior especialista português em economia.

p/ 28.

Migrações. Brexit Call Portugal Home
Por Gilda Pereira

N E S T A E D I Ç Ã O

p/ 30.

Conselho das Comunidades Portuguesas
Por Flávio Martins

p/ 32.

Artes e Artistas Lusos. Michel William
Por Terry Costa

p/ 42.

Libertem as crianças
Por Sílvia Faria de Bastos

Obra de capa

Título: Petits naufrages du quotidien

Dimensões: 49 x 33

Técnica: Mista sobre drop paper

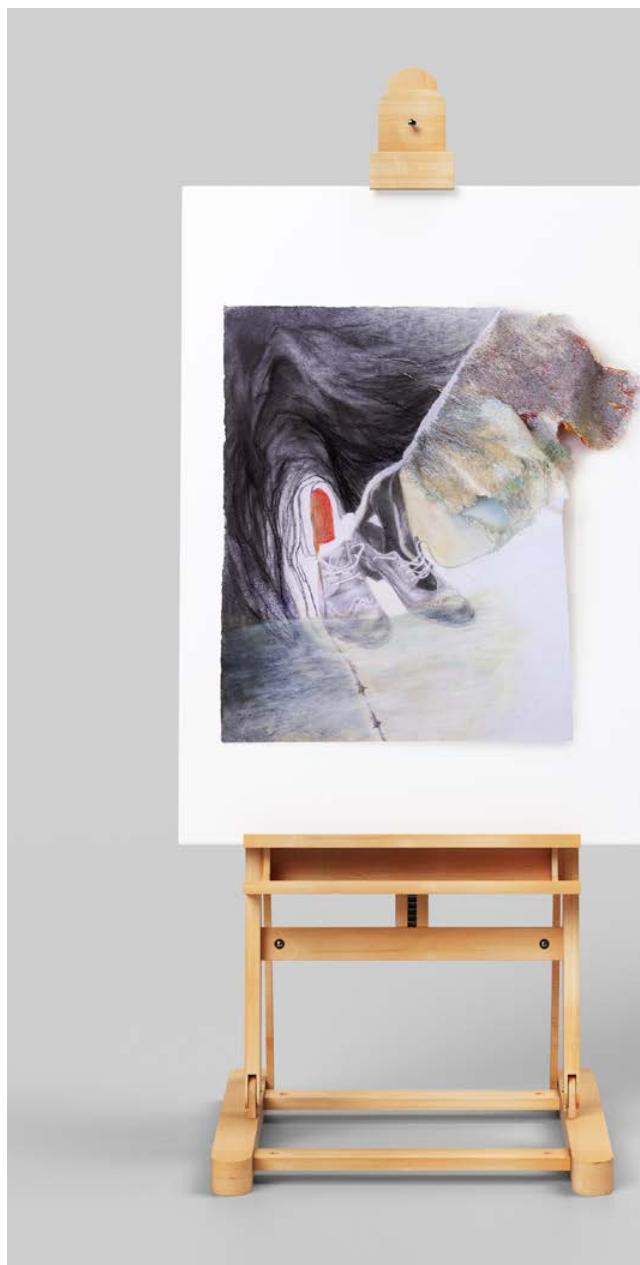
Descrição da obra:

Meu mar arredio
Atravesso
Vias inteiras
Becos, ruelas
Transpasso tempestades
E desafio
Na sola dos passos tortos
O balé torpe
Fantasias rotas
Do pisar em falso
Do sambar dissonante
Da dança sem ensaios
Gestos por engano
Pés como se nunca quiseram dantes
Bocas como se nunca riram dentes
E a sede que antecede o último gole
Antes que o copo derrame
Antes que o corpo se afogue
Náufrago do cotidiano

Texto de: Aline Davi

Sónia Aniceto

obrasdecapa@obrasdecapa.pt



F T

Diretora Fátima Magalhães | **Diretora Adjunta** Gilda Pereira | **Editores** António Manuel Monteiro, Cristina Passas, Diana Correia, Fatinha Pinheiro, Flávio Alves Martins, João Costa, Gilda Pereira, Hugo Gonçalves Silva, José Governo, Mafalda Lourenço, Marco Neves, Maria do Carmo Mendes, Marta Costa, Melissa da Silva, Paula Cristina Veiga, Philippe Fernandes, Rogério M. Fernandes Ferreira, Sílvia Faria de Bastos, Tiago Robalo, Vitor Afonso | **Revisão** JG Consulting | **Design Gráfico** Amostra de Letras | **Estatuto editorial** <https://descendencias.pt/estatuto-editorial/> | **Editor e Proprietário** Amostra de Letras Lda, NIF 515975591 | **Administração** Fátima Magalhães - 100% capital | **Periodicidade** Mensal | **Contactos** E: info@descendencias.pt W: <https://descendencias.pt> T: 309 921 350 | **Publicidade** E : publicidade@descendencias.pt | **Anúncios** A Amostra de Letras Lda, não é responsável pelo conteúdo dos anúncios

nem pela exatidão das características e propriedades dos produtos e/ ou bens anunciados. A respetiva veracidade e conformidade com a realidade são da integral e exclusiva responsabilidade dos anunciantes e agências ou empresas publicitárias | **Direitos** Em virtude do disposto no artigo 68º nº2, i) e j), artigo 75º nº2, m) do Código do Direito de Autor e dos Direitos Conexos artigos 10º e 10º Bis da Conv. de Berna, são expressamente proibidas a reprodução, a distribuição, a comunicação pública ou colocação à disposição, da totalidade ou parte dos conteúdos desta publicação, com fins comerciais diretos ou indiretos, em qualquer suporte e por qualquer meio técnico, sem a autorização da Amostra de Letras Lda | **Sede Editor/Redação** Rua dos Almocreves, 44 4455-029 Lavra - Matosinhos | **Registo ERC** 127522 | **Edição** 21, setembro 2022 - GRATUITA.

Editorial

Caros Leitores

Cada mês que passa fico sem palavras para descrever Sónia Aniceto. Cada obra uma surpresa, um novo sentimento, um cordão umbilical que nunca será cortado. Deslumbrar-se.

A AILD está duplamente de parabéns. Primeiro porque realizou uma ação que inexplicavelmente nunca ninguém a tinha feito e sem dúvida não só fazia sentido fazê-la, como tem um significado muito importante para quem parte do país que ama. Segundo porque uma vez mais a AILD dá um passo em frente e mostra ao mundo associativo a importância de trabalhar em parceria e que esta só traz benefícios. O abraço em conjunto dado pela AILD e pela IOTA (Rádio Arc en Ciel) na ação “Obrigado e Boa Viagem” na fronteira de Vilar Formoso aos emigrantes foi não só emotivo como temos a certeza gratificante para quem o recebeu. Eu infelizmente não pude estar presente, mas em 2023 tudo farei para me juntar a uma ação de emoções e afetos. Ismaël Sequeira, diretor cultural da AILD é o associado do mês. Fala-nos dos seus projetos, o que o motivou a juntar-se à associação e fala ainda do projeto expositivo “Obras de Capa”. A grande entrevista deste mês é com o Professor Luís Cabral, docente na New York University. No ranking dos economistas portugueses é considerado o número 1. A não perder! Porque deixou de ser tema de abertura dos telejornais, relembramos o Brexit e o facto de Portugal continuar a ser um destino para muitos cidadãos britânicos. O Presidente do Conselho das Comunidades Portuguesas, Flávio Martins retrata as últimas ações promovidas pelo CCP.

Michel William é o artista em destaque nesta edição de setembro. Se tiver pelo Pico, (ou se não tiver e puder ir) aproveite e vá ao Cordas World Music Festival, onde pode ouvir entre outros artistas o Michel William. Já ouviu falar das “Pedras da Fome”? Vítor Afonso diz-lhe o que são e como estão a aparecer cada vez mais por toda a Europa. No espaço dedicado à poesia, fazemos a nossa humilde homenagem a Ana Luísa Amaral que infelizmente nos deixou mais pobres e tristes sem a sua talentosa escrita. Sílvia Faria de Bastos, vem pedir-nos para que sejam “libertadas as crianças” da dependência dos adultos. Eu pessoalmente que tenho filhos confesso que me levou a refletir e a repensar certamente para futuro muitos dos meus atos. Não perca a leitura! É pela lente de Jens Hackradt que percorremos a arte da fotografia. Viaje no seu deslumbrante mundo do preto e branco. Cá dentro vamos convidar os nossos leitores para as vindimas e na viagem lá fora a visitarem a “ilha de Saramago”. O Professor Marco Neves, ensina-nos “como não ser bestas na Internet” e a contar até dez antes de comentar seja o que for. Conhece as alterações da carta de condução estrangeira em Portugal? Rogério Fernandes Ferreira & Associados explica-lhe tudo. A “Incerteza” é um dos maiores problemas que os empreendedores podem enfrentar, mas também pode ser um momento de oportunidade. Philippe Fernandes exemplifica. Desejamos um bom regresso ao trabalho a todos os nossos leitores.

Votos de boas leituras.



Gilda Pereira
Diretora Adjunta

| AILD

Obrigado e boa viagem

<https://obrigadoeboaviagem.pt>

As férias de verão são sempre uma alegria imensa, pois, traduzem e significam coisas boas, energias positivas, descanso, família, festas, praia, e tantas outras coisas. Mas também significam algo de extraordinário, a vinda dos emigrantes/lusodescendentes.

A sua vinda traz vida, alegria, animação, reencontros, significando também, dinamização da economia local, dinamização das vilas e aldeias por esse Portugal fora, sobretudo, depois destes dois anos difíceis de pandemia, e nesta fase de recuperação da economia em que nos encontramos. Durante o período de verão temos o país alegre em festas e romarias, cultivando as nossas crenças e tradições religiosos, a nossa identidade cultural, e os emigrantes/lusodescendentes são também parte importante desses momentos, contribuindo inclusivamente para a manutenção destas mesmas festas e dessa cultura. Se dúvidas não há do quanto valorizamos as nossas Comunidades Portuguesas



lá fora, ainda são mais valorizadas quando cá estão entre nós, quando partilham do nosso país, quando o tornam com mais vida, mais forte, mais dinâmico e mais preenchido.

Este período tem permitido à AILD manter um contacto próximo com os emigrantes/lusodescendentes, cujo contacto durante o resto do ano é à distância, procurando ter momentos de convívio, mas também, de discussão sobre temas importantes, programação de iniciativas e projetos comuns, definição de estratégias e planeamento de ações das delegações da AILD.

Estes contactos, ao longo dos meses de julho e agosto,

têm sido muito frutíferos, tendo inclusivamente resultado na adesão de novos sócios e novos membros da AILD, tornando a nossa rede cada vez mais forte e cada vez mais humanizada e viva.

Valorizando a vinda e a presença dos emigrantes/lusodescendentes em Portugal, a AILD no passado dia 27 de agosto, deslocou-se à Fronteira de Vilar Formoso, concelho de Almeida, para simbolicamente desejar boa viagem de regresso aos países de acolhimento. Mas também, dizer-lhes OBRIGADO, pelo importante contributo que deixaram ao país e que continuaremos sempre a recebê-los de braços abertos.

Para esta iniciativa contamos com vários apoios, que permitiram tornar este momento mais intenso, nomeadamente, através da oferta de produtos de marca portuguesa, e ainda, lançar aos jovens o desafio de um concurso literário para a redação de um texto sobre a temática das férias em Portugal.

A AILD procura concretizar ideias e projectos das nossas comunidades no estrangeiro, sempre que possível com a ajuda de outras associações e entidades. Os projetos saem favorecidos com a diversidade participativa das diversas associações e pessoas, e a troca de experiência favorece os participantes.

Em boa hora tomámos conhecimento da ideia do Carlos Pereira, um membro destacado da comunidade portuguesa em França, e fundador do prestigiado LusoJornal, que achou que se deveria homenagear os nossos compatriotas, no seu regresso a casa depois de umas merecidas férias em Portugal durante o verão.

Esta ideia da despedida dos nossos compatriotas deu origem ao evento “Obrigado e boa Viagem”.

Desde a primeira hora que convidámos outras associações para se juntarem a nós na concretização deste evento, e ficámos muito satisfeitos que a Associação IOTA (Rádio Arc en Ciel) tenha aceitado este nosso desafio.

Felizmente também se juntou a nós a Câmara Municipal de Almeida, a quem agradecemos todo o apoio dado, apesar de estar submersa com outras solicitações e sobretudo por estar a organizar a sua maior festa anual. Aproveito para estender os agradecimentos à Guarda Nacional Republicana, às In-

| A I L D

Mais uma ação conjunta

fraestruturas de Portugal, ao Jornal Público que contribuiu com assinaturas digitais do seu jornal, e também as empresas que contribuíram com as bolas-chás “Saborosas Mini Bites Impulso” e Waferland”, tendo a Câmara Municipal de Almeida também contribuído para os kits que foram distribuídos aos nossos compatriotas.

Deste modo no passado dia 27 de agosto realizou-se na fronteira de Vilar Formoso o evento “Obrigado e boa Viagem” e o sucesso do evento superou todas as nossas expectativas, as grandes quantidades de kits de despedida esgotaram-se a uma velocidade vertiginosa.

A reação dos nossos compatriotas foi também surpreendente, e veio confirmar que o evento já deveria ter sido realizado há mais tempo.

Temos verificado a existência de um grande número

de associações portuguesas por todo o mundo, mas muitas delas não estão habituadas a trabalhar em conjunto estando muito focadas nas suas próprias iniciativas, queremos ser exemplo de que é possível trabalhar em conjunto, e de que se consegue alcançar melhores resultados quando assim é.

Não quero deixar de agradecer aos voluntários da nossa associação AILD que tornam tudo possível, bem como aos voluntários da Associação IOTA (Rádio Arc en Ciel), foi gratificante o bom entendimento entre os vários voluntários. Não deixem de acompanhar notícias do evento “Obrigado e boa Viagem” na revista Descendência e na Rádio Arc en Ciel, bem como em outros meios de comunicação social que acompanharam o evento.

A todos estes voluntários o meu “Obrigado e boa Viagem”.



Philippe Fernandes
Presidente da AILD

| AILD

Ismaël Sequeira

Idade: 53

País de nascimento:

São Tomé e Príncipe

País onde reside:

Portugal



Natural da ilha de São Tomé, começou a pintar como autodidata e em 1991 viajou para Portugal com o objetivo de se formar em pintura e escultura pela Faculdade de Belas Artes da Universidade de Lisboa. Fixando a residência permanente em Lisboa, desenvolveu a sua atividade profissional da área de produção multimédia e desenvolvimento de conteúdos para websites, programação e gestão cultural. Dedica-se às artes plásticas, colabora como voluntário de associações sócio culturais e profissionalmente é administrativo na função pública portuguesa. É também Diretor Cultural na AILD.



Nasceu em São Tomé e Príncipe mas optou por viver com a sua família em Portugal. Conte-nos como foi tomada essa decisão e como tudo se passou.

A intenção de regresso à terra natal foi um sonho da vida estudiantil na fase inicial. Antes de concluir as Belas Artes encontrei o amor da minha vida, as perspetivas alteraram-se de pois da primeira tentativa falhada em 2004. Gosto daquelas ilhas, mas o meu coração está em Portugal. Tenho projetos que levam-me sempre ao meu lugar de matriz cultural e identitária, mas é em Lisboa onde encontrei tudo que sustenta a minha vida familiar e profissional.

A pintura é a sua grande paixão. Como nasceu e cresceu essa paixão?

A longínqua infância deixa memórias de como tudo começou. Todas as crianças são potenciais criadores ou

artistas. E só consegue aquele que exerce e não desiste. É percorrendo esta vida motivada pela beleza da natureza e a estética “na pobreza” onde encontro a razão para a reflexão contínua que sustenta até ao presente todo o meu pensamento. Sou nato e um apaixonado por aquele arquipélago do Equador do Golfo da Guiné que fez de mim um artista.

Para além da pintura sabemos que gosta muito de escrever. Já está na calha o primeiro livro?

Não tenho a escrita como uma atividade em que muito apresento publicamente.

Na maior parte das vezes é uma ferramenta de trabalho de anotações das pesquisas que faço no domínio artístico, mas noutras é mais interessante forma de expressão criativa na qual exprimo as minhas ideias ou pensamento em forma de poesia, reflexões ou contos.



Acredito mais na possibilidade de deixar algum manuscrito e alguém se encarregará de fazer livros. Enquanto não me decido, vou fazendo com prazer o belo exercício da escrita. O meu bisavô Marcelo da Veiga dizia muitas vezes que um intelectual não tem propriamente que escrever um livro, mas sim, deixar todo o seu pensamento em memórias que no futuro alguém haverá de publicá-las. Eu sigo o seu caminho descomprometido com a materialização do meu pensamento e trabalho literário transformado em livro.

Faz parte dos artistas que constituem o projeto expositivo “Obras de Capa”. Como foi participar dessa ideia de criar obras para as capas da Descendências Magazine?

“Obras de Capa” é um projeto da autoria do Jorge Vilela, Diretor da Revista Descendência Magazine, da Associação AILD, que me desafiou em 2019 para ilustrar as doze capas desta revista em 2020 e aceitei logo convicto de que é um projeto interessante no domínio artístico e empreendedor com grande perspetiva de crescimento. Após a realização da primeira exposição na galeria do Instituto Camões em

Lisboa, seguiu-se a itinerância desta exposição com início na cidade de São Tomé no Centro Cultural Português, recentemente em París na Casa de Portugal André de Gouveia. Segue para Bélgica em Setembro.

Outro desafio nas “Obras de Capa” é escrever um texto por cada ilustração num olhar positivo sobre a realidade do meu país.

Para além de estar motivado neste projeto para desenvolver outras atividade existe uma outra possibilidade de unir com outros artistas que fazem parte desta nova identidade artística para criar novos projetos e expandir experiências noutras paragens do mundo.

O que pensa sobre a itinerância desta exposição?

A itinerância é a forma mais inteligente de potenciar a promoção artística com marketing direcionado para novos públicos e que estes contribuam para o consumo dos nossos trabalhos.

Está neste momento com uma exposição em Paris. O que representou para a sua carreira expor na capital francesa?



Paris é uma das mais importantes capitais da arte e cultura do mundo, logo expor nesta cidade é uma mais valia no crescimento e difusão do meu trabalho fora de Portugal.

É um dos diretores culturais da AILD. Porque achou importante juntar-se à associação?

O cargo em si não é o mais importante. O certo é que a associação abre um grande espaço que permite aos seus associados colaborar com as suas ideias em equipa AILD o que motiva todos os associados e amigos gostarem de ter iniciativas.

Um dos projetos para 2023 é a exposição “Realces”. Quer-nos falar um pouco dessa exposição?

“Realces” é um projecto criativo que propõe juntar artistas e criar obras em baixo ou alto relevo direcionado para o público com problemas de visão e interagir com elas. Temos como parceira a Associação Iris Inclusiva, fundamental para que este projeto fosse possível. O desafio está lançado para 2023 e até lá vamos trabalhar muito.

Que outras ações pensa levar a cabo no próximo ano?

Consolidar atividades que estão programadas para 2023. Mais vale a pena fazer pouco e bem do que comprometer com muitas ações e não as concluir bem. Fazer com que ampliemos as vendas de “Obras de Capa” é fundamental para que os projetos sejam auto-sustentáveis para reinvestirmos em ações sociais, por exemplo.

Desenvolver maior intercâmbio com os artistas das diversas áreas que estão em rede da AILD e criar cumplicidades que resultem em projetos!

O convívio é um fator que muito contribui para criarmos tanto do domínio cultural, artístico, social, comercial entre outros.

Uma mensagem para as Comunidades lusófonas.

Penso que a experiência e o bom conhecimento da nossa língua nos permitem melhor integrar na sociedade e aproveitar as oportunidades que estão ao nosso alcance assim como viver a cultura de forma mais apaixonada. Por isso amem a língua portuguesa e façam dela a melhor ferramenta de divulgação dos nossos valores culturais no mundo.



GRANDE ENTREVISTA

PROFESSOR DE ECONOMIA NA UNIVERSIDADE DE NOVA IORQUE

LUÍS CABRAL



Nome sonante na investigação e ensino da Economia. Doutorado pela Universidade de Stanford e licenciado em Economia pela Universidade Católica Portuguesa, ao longo do seu percurso profissional já passou por algumas das universidades mais prestigiadas a nível mundial, sendo atualmente docente na New York University. Para esta edição, a Descendências Magazine esteve à conversa com aquele que é considerado o maior especialista nesta área para compreender um pouco melhor os desafios e futuro da economia portuguesa.



© Patrícia Silva

É doutorado pela Universidade de Stanford, licenciado em Economia pela Universidade Católica Portuguesa e tem mestrado na mesma área pela Universidade Nova de Lisboa. Atualmente, é professor de Economia na NYU (New York University). Mas muito mais havia para dizer. Deixando os cargos e ofícios de lado, quem é Luís Cabral?

Luís Cabral é uma pessoa que teve o privilégio de nascer num País, num século e numa família excelentes. Viajou muito pelos cinco continentes, tendo conhecido sítios e pessoas interessantíssimas, mas estes périplos apenas aumentaram a sua preferência pelos países de origem e residência. Interessa-se por muitas coisas mas não se vê realmente como autoridade em nenhuma (e isso inclui, sem

falsa modéstia, a Economia). Enfim, revê-se na conhecida expressão em inglês: “Jack of all trades, master of none.”

Nasceu em 1961 numa família de artistas. No entanto, enveredou pela área da Economia, sendo, inclusive, considerado um dos melhores especialistas portugueses nesta área. Em que momento da sua vida se começou a interessar por Economia?

Descobri a Economia um pouco por acaso. Quando estava no liceu, o meu plano era estudar Arquitetura ou Matemática. No entanto, nos anos do PREC (os anos a seguir a 74), muitas universidades portuguesas entraram em caos: ou havia greve de alunos, ou havia greve de professores, ou





ambos. Nesse contexto, quando dois colegas do liceu me falaram da Universidade Católica (onde as coisas estavam mais calmas), decidi seguir o exemplo deles.

A Católica oferecia Gestão, Economia e Direito. Mais uma vez seguindo os meus amigos António João e René, escolhi Gestão, mas quando começámos a entrar propriamente nas cadeiras de Gestão (2º e 3º ano), percebi que aquilo não era para mim. Nesse momento, era tarde de mais para recomeçar o curso numa universidade diferente, enquanto que mudar para Economia na Católica foi um passo relativamente mais pequeno.

Na Católica (e depois na Nova, onde fiz o mestrado), fui muito influenciado por dois professores, António Borges e Diogo Lucena, que me encorajaram a fazer o doutoramento em Economia, o passo mais “definitivo” na escolha da carreira académica de Economia. Quando em 1985 comecei o programa em Stanford, foi-me oferecida a possibilidade de mudar para o doutoramento de Matemática em Berkeley. No entanto, tomei a decisão de continuar com a Economia, que, feitas as contas, é uma ótima combinação entre a vertente humanista de uma ciência social e o formalismo da Matemática.

Ao longo do seu percurso profissional já passou por algumas das instituições de ensino mais prestigiadas do planeta: Universidade Nova de Lisboa, London Business School, London School of Economics, Berkeley, Yale, IESE. Atualmente, ocupa a cátedra Paganelli-Bull de Economia na New York University. Se olharmos para a realidade nacional, a Nova School of Business and Economics (Nova SBE), da Universidade Nova de Lisboa, é considerada a melhor instituição de investigação em economia em Portugal. Mas os principais economistas portugueses estão em universidades estrangeiras. Porquê?

Em segundo lugar (já falarei do primeiro), temos a questão salarial. O salário médio de um professor nos Estados Unidos é um pouco superior ao salário

médio de um professor em Portugal. No entanto, enquanto que os salários em Portugal são essencialmente uniformes, nos Estados Unidos há uma grande variação, largamente correspondente à variação da produção académica. Sendo assim, os professores em universidade de topo nos Estados Unidos são muito mais bem compensados do que em Portugal.

Em primeiro lugar, no entanto, estamos perante um problema de ovo e galinha. Por que é que os jogadores de futebol gostam de jogar na Premier League? A resposta mais simples é: porque os melhores jogadores jogam na Premier League! Mais: muitos jogadores preferem uma equipa de segunda linha em Inglaterra a uma equipa de topo em Portugal por esse mesmo motivo.

A falta de progressão na carreira, que não valoriza a investigação, tem sido determinante para esta realidade?

Não tanto a falta de progressão na carreira como a falta de recursos. Aliás, isto é particularmente importante em áreas científicas que requerem espaço de laboratório e outros recursos semelhantes. Embora Portugal tenha feito um grande e louvável esforço neste sentido, a assimetria de recursos ainda é muito significativa.

Um outro aspeto relacionado é a cultura. Muito mudou nas últimas décadas, mas diria que, no balanço entre meritocracia e equidade, a cultura portuguesa ainda põe muito peso na “equidade” (entre aspas, pois trata-se mais de igualdade do que equidade). Um exemplo pessoal que não é muito importante mas serve com exemplo: Quando “pus os papéis” para promoção a professor associado, um colega da Nova, muito sensível a questões de equidade, chamou-me a atenção para o facto de que estava a passar à frente de outro colega que tinha sido nomeado professor auxiliar antes de mim. Este tipo de observação não faria sentido numa universidade americana.



© Patrícia Silva

Que soluções poderiam ser criadas para tentar manter estes “super-talentos” em Portugal, ou pelo menos trazê-los de volta?

Várias instituições têm tomado várias iniciativas nesse sentido — e com sucesso. Continuando a resposta às perguntas anteriores, é uma questão de cultura e de recursos materiais. Oxalá houvesse mais Fundações Champalimaud em Portugal... Mas deixe-me repetir, para não parecer muito negativo, que se tem feito muito progresso. Quando pensei seriamente em fazer um doutoramento (por volta de 1982 ou 1983), o número de doutorados por ano em Portugal era inferior a 200. Hoje em dia, é superior a 2000.

É autor do livro “Introdução à Organização Industrial”, publicado pela MIT Press, traduzido em sete línguas e adotado por universidades em países de baixa renda. Para além disso, recentemente, lançou o livro “Introdução à Microeconomia” onde defende que é preciso repensar o ensino da Economia. Por onde deverá então passar o futuro do ensino da Economia?

Trata-se de dois manuais de cadeiras da universidade. O livro “Introdução à Organização Industrial” é um pouco mais avançado (talvez nível de mestrado) e relativamente convencional. Aliás, embora tenha sido atualizado recentemente, já tem mais de 20 anos. Deu-me gosto escrevê-lo e tem-me dado enorme gosto receber cartas e mail de centenas de universidades pelo mundo fora e saber que milhares e milhares de alunos de alguma forma beneficiaram com a leitura do livro.

“Introdução à Microeconomia” é um caso diferente. Desde logo, em vez de seguir os circuitos normais, decidi publicá-lo como livro gratuito disponível de forma digital. É o futuro, parece-me. Em segundo lugar — e este é o aspecto mais importante — é um projeto mais ambicioso: os livros de introdução à Microeconomia não mudam essencialmente desde os anos 1940. Se se tratasse de Álgebra Linear ou Mecânica Clássica o problema não seria grave (ao nível introdutório, a Álgebra Linear e a Mecânica Clássica não mudaram muito nas últimas décadas). No entanto, a Economia é uma ciência social, e a sociedade mudou muito nas últimas décadas. A forma de pensar de muitos econo-



© Patrícia Silva

mistas também mudou (falo por mim). Conclusão: precisamos de atualizar a forma como ensinamos a disciplina. Trata-se de um projeto em curso. Começou durante o princípio da pandemia (quando tive algum tempo livre extra), e espero que continue nos próximos anos — mas a versão 1.3.1 já está disponível para descarga. Tanto quanto sei (baseado em mensagens que me enviam) já está sendo utilizado em várias universidades em vários países. Espero que o número continue a crescer!

Nesta obra faz também críticas à insensibilidade dos economistas, afirmando que estão tão condicionados a pensar na economia de mercado como processo de criação de riqueza, que se esquecem de pensar outros aspectos. Considera que a Economia deve ser, cada vez mais, vista como uma ciência social, que trata de pessoas, de famílias e empresas com histórias e emoções?

Sim. A Economia como disciplina foi muito influenciada por uma série de autores do século xix que tinham uma

visão muito mecanicista e formal da Economia (aliás, vários eram matemáticos ou físicos). Ao longo do século xx, a Economia auto-proclamou-se a “Rainha das Ciências Sociais”, mantendo um certo desprezo por outras disciplinas como a Sociologia, a Psicologia, a História, a Filosofia, etc. É pena, pois neste processo perdeu-se muito input que teria ajudado a Economia, os economistas, e em última análise a política económica. Felizmente, a situação tem mudado durante as últimas décadas.

Afirma ainda que “a tecnologia e a economia nos colocaram numa situação insustentável”. De que forma?

Há muitas atividades económicas que implicam custos para terceiros não envolvidos na transação. Por exemplo, se eu tenho uma central de carvão vou ter um lucro X mas não tomo em consideração o custo Y que vou impor ao resto do mundo (nomeadamente como resultado das emissões de CO₂). Os economistas referem-se a isto com o termo “externalidade” (a minha atividade económica tem um efeito



© Patrícia Silva

“externo”, isto é, em terceiros). A insistência dos economistas nas vantagens do mercado (que são muitas) e o progresso tecnológico (que é causa e consequência do crescimento económico) levaram à grande prevalência deste tipo de atividades, o que por sua vez nos colocou na crise climática que vemos e antevemos. Por outro lado, se o mercado é um ótimo instrumento de crescimento económico, não é por si só garantia de equidade na distribuição de recursos. Aliás, no contexto da economia digital, temos argumentos teóricos e práticos de que o mercado leva “naturalmente” a um agravamento das desigualdades económicas. Em resumo, temos aqui um problema de sustentabilidade.

Hoje em dia, quando se fala em “sustentabilidade”, as pessoas pensam principalmente em sustentabilidade biofísica, mas temos também de considerar a sustentabilidade social.

Se foi a tecnologia que nos colocou nesta situação, então apenas a tecnologia e a economia nos podem tirar dela?

Sim. Ativistas como a Greta Thunberg ou os coletes amarelos têm prestado o importante serviço de chamar a atenção para a insustentabilidade da situação presente. No entanto, quando se trata de políticas concretas, as soluções que propõem deixam muito a desejar. O facto de o mercado e a tec-



© Patrícia Silva

nologia terem sido mal utilizados no passado não significa que não sejam excelentes instrumentos — em muitos casos os melhores instrumentos — para resolver os problemas mais prementes do mundo atual.

O ano passado desafiou o Estado português a pensar num novo modelo de Segurança Social e de impostos. Nesse contexto, defende que seja criado “um sistema progressivo de tributação do rendimento”. De que forma este modelo contribuiria para um sistema social sustentável, capaz de combater os níveis de desigualdade que continuam a aumentar no nosso país?

Clarificação: o aspeto central da minha proposta não é o sistema progressivo de tributação do rendimento. O aspeto central da minha proposta é a separação da segurança social do emprego.

Deixe-me tentar explicar a ideia referindo-me do sistema de saúde nos Estados Unidos. A maior parte das pessoas têm um seguro de saúde através da entidade empregadora.

Isto significa que, se eu não tiver emprego, então não tenho seguro de saúde. Isto não é exatamente assim, nomeadamente porque o “Obamacare” melhorou a possibilidade de ter um seguro de saúde mesmo sem estar empregado. No entanto, grosso modo, o facto é que o acesso à saúde está muito ligado ao emprego — e isto explica, em boa parte, porque é que milhões e milhões de americanos não têm seguro de saúde (e, por conseguinte, têm um acesso muito limitado aos cuidados de saúde).

Quando explico isto a um português (que tem acesso ao SNS), a resposta é que o sistema americano não faz sentido nenhum. Como é possível que o acesso à saúde esteja ligado ao emprego? Não faz sentido, concordo. Aliás, faz cada vez menos sentido num século em que a estabilidade do emprego é cada vez menor.

Mas então consideremos agora o caso português (aliás, o caso de muitas economias da OCDE). Por que motivo o acesso à segurança social está ligado ao emprego? Uma pessoa que não tenha estado empregada não tem acesso ao apoio do Estado durante a velhice? O problema não é só isso. Por



© Patrícia Silva

causa do sistema de financiamento da segurança social e por outros motivos fiscais, para que um empregador pague 500 euros ao empregado, tem de gastar efetivamente mais do que 1.000 euros. Não surpreende assim a relutância das empresas em criar mais postos de trabalho.

Por estes motivos, se eu fosse o Primeiro Ministro, a primeira coisa que faria seria separar o Ministério do Trabalho, Solidariedade e Segurança Social em Ministério do Trabalho, por um lado, e Ministério da Solidariedade e Segurança Social, por outro.

Depois, eliminaria toda a tributação do trabalho, de forma que, para dar 500 euros ao empregado, a empresa teria de gastar exatamente 500 euros. A diferença entre salário

bruto e líquido (“500 euros limpos”, como se diz correntemente) deixaria de fazer sentido. Os recibos verdes provavelmente passariam à história.

Seguidamente, criaria um sistema universal de contas individuais de segurança social: Independentemente do estatuto laboral, cada cidadão português tem uma conta onde, desde que nasce até quando morre, o Estado deposita anualmente um certo montante. Digamos que se trata de uma adaptação do Rendimento Básico Universal mas para a segurança social. Esta conta individual é então utilizada para despesas autorizadas (e.g., saúde, educação, seguro de desemprego), bem como para a reforma.

Claro que isto implica uma grande despesa para o Estado, o



© Patrícia Silva

que por sua vez requer alguma forma de financiamento. E é assim que terminamos na necessidade de criação e reforço de um imposto (progressivo) sobre o rendimento (para além do IVA e outras fontes alternativas de financiamento).

Podemos então afirmar que, além da reforma fiscal, o que precisamos é de uma reforma da máquina fiscal?

Sim.

Passando agora a outro tema, bem conhecido dos portugueses: TAP. Como todos sabemos, a TAP é um buraco financeiro. Já se tentou tudo: nacionalização com gestão direta pelo Estado, gestão desgovernamentalizada, privatização quase integral, participação estatal no capital social, injeção de capitais públicos e, até agora, nada resultou. Só faltava voltar a nacionalizar. Todos os instrumentos da presença do Estado já foram usados e falharam e este também vai voltar a falhar?

Muito provavelmente vai falhar. Samuel Johnson escreveu que “um segundo casamento é a vitória da esperança sobre

a experiência”. As diversas tentativas de salvar a TAP têm mostrado o mesmo.

Os planos para a injeção de quase mil milhões de euros nos cofres da TAP em 2022 mantêm-se. Tanto o governo como a TAP garantiram que o cheque passado à companhia aérea é suficiente e que não será necessária uma nova injeção de dinheiro. Pedro Nuno Santos, Ministro das Infraestruturas e da Habitação de Portugal, assegurou que o plano de reestruturação da TAP está a ser cumprido e que a transportadora está “no caminho certo para se tornar ‘viável’ e servir a economia nacional”. Não estarão os prejuízos históricos da TAP de 1599,1 milhões de euros a ser indevidamente desvalorizados?

De acordo.

Por outro lado, é importante dar um passo atrás e pensar na *raison d'être* de uma companhia nacional. Um primeiro argumento é que, se as grandes nações europeias têm uma companhia nacional, então nós não podemos ficar atrás. Se a Alemanha tem a Lufthansa, então Portugal tem de ter a TAP. Mas o PIB da Alemanha é 17 vezes superior ao de Por-



© Patrícia Silva

tugal. São ordens de grandeza diferente. Nesse sentido, faz mais sentido comparar com um país como a Bélgica. Tanto quanto consigo perceber, a Bélgica e os belgas sobreviveram apesar de a Sabena, a companhia nacional, ter declarado falência. Nunca ouvi falar no trauma nacional da Bélgica sem a Sabena. (Existem duas companhias com nome relacionado com a Bélgica: a Brussels Airlines, propriedade da Lufthansa, e a Air Belgium, companhia privada.)

O outro argumento, repetido pelo presente governo e por governos anteriores, é que a TAP tem um “valor estratégico”. Não é totalmente evidente qual o significado deste “valor estratégico”. Tanto quanto consigo perceber, o trata-se de garantir certas ligações prioritárias, por exemplo, a ligação de Portugal às ilhas (Açores e Madeira) ou porventura a alguns dos PALOP. A ideia é que, sem uma TAP (nomeadamente uma TAP nacionalizada), estas rotas ficariam em perigo, o que por sua vez levaria a danos significa-

tivos para a economia e sociedade.

Este argumento também em parece muito fraco. Penso que seria muito mais fácil chegar a um acordo com uma linha aérea estável para fazer as tais ligações estratégicas. Isto provavelmente exigiria que o governo subsidiasse a companhia em questão, mas estou convencido que ficaria tudo muito mais barato do que cobrir os défices da TAP e o serviço de uma dívida monstruosa.

Aproveitando a oportunidade de estar à conversa com um dos melhores economistas, falemos da economia portuguesa pós-25 de abril. Se repararmos a economia mais do que duplicou em dimensão desde o 25 de abril. No entanto, o ritmo de crescimento abrandou e no desemprego, na dívida pública e na gestão orçamental não conseguiu ainda regressar aos níveis anteriores a 1974. Na sua opinião, o que falta fazer para reverter esta tendência?



© Patrícia Silva

Quais são as partes da economia portuguesa que funcionam e quais são as partes que não funcionam? Não é fácil responder a esta pergunta. A tentação é dizer que este ou aquele sector é responsável pelo nosso atraso. O problema é que, em qualquer sector ou indústria ou atividade, encontramos uma enorme variação. Por exemplo, há escolas públicas excelentes e há escolas públicas péssimas, da mesma forma que há escolas privadas excelentes e escolas privadas péssimas. Esta variação também se encontra quando falamos da qualidade do Sistema Nacional de Saúde, da eficiência do sector público administrativo, da produtividade das empresas e de muitos outros sectores e indicadores económicos.

Esta observação é importante pelo seguinte motivo: A melhor forma de aumentar a produtividade das empresas (para dar um exemplo concreto) não é aumentar a produtividade de cada empresa. Isto parece uma contradição mas não é: A melhor forma de aumentar a produtividade das empresas é desativar as empresas com menor nível de produtividade.

Este é um dos grandes benefícios da economia de mercado e, de uma forma mais geral, da meritocracia. Ora, apesar de muitas reformas iniciadas nos anos 80, Portugal ainda tem um grande défice de meritocracia a vários níveis. O tratamento equitativo muitas vezes traduz-se em tratamento igualitário, e isso é uma péssima ideia de um ponto de vista de eficiência económica.

No final de 2021 notícias davam conta que mais de 1,6 milhões de portugueses vivem abaixo do limiar da pobreza, uma realidade que afeta famílias numerosas, mas também quem vive sozinho, idosos, crianças, estudantes e trabalhadores. Hoje, ter um emprego não é garantia de não ser pobre e Portugal está, aliás, entre os países da Europa com maior risco de pobreza entre trabalhadores. Fazendo referência ao famoso filme de 2007 “Este país não é para velhos”, podemos afirmar que este país não é para trabalhadores, pelo menos não para todos?



© Patrícia Silva

Nunca tinha pensado na aplicação (adaptada) do filme dos irmãos Cohen, mas faz todo o sentido: Este país não é para trabalhadores. Em certo sentido. A adaptação que eu escolleria, no entanto, é: Este país não é para jovens trabalhadores. O problema é que facilmente confundimos a proteção do emprego com a proteção do empregado. Um sistema laboral e social com muitos benefícios sociais (pagos pelo empregador) e restrições laborais (nomeadamente no despedimento) é ótimo para as pessoas que estão empregadas. No entanto, diminui muito o incentivo das empresas para criar novos postos de trabalho, enquanto que aumenta o incentivo das empresas para investir em automação. O resultado disto é que há muito poucos empregos (de jeito) para os jovens. Nesse sentido, o sistema protege os empregados mas não protege o emprego.

locou um travão nesta tendência, provocando uma queda acentuada da atividade. No entanto, hoje, com a campanha de vacinação e as políticas públicas de apoio, as previsões macroeconómicas apontam para a recuperação da economia nacional, que deverá atingir o nível de produto pré-pandemia após o 3º trimestre de 2022, segundo dados da OCDE". Afinal como anda a economia portuguesa e como perspetiva o seu futuro?

Ainda bem que faz essa pergunta, pois até agora tenho sido muito negativo no que respeita à economia portuguesa. A verdade é que sou relativamente otimista no que respeita às perspetivas do País. Porquê? Em primeiro lugar, demos um passo enorme no campo da educação: entre 1978 e 2003 (uma geração), a percentagem de portugueses que estudam na universidade aumentou 5 vezes! Quando olhamos para o número de doutorados, o crescimento foi ainda maior. Esta verdadeira "explosão" do capital humano em Portugal já vai tendo efeito no campo da tecnologia e da inovação empresarial. Sei de pelo menos quatro unicórnios (empresas com valorização de mais de mil milhões de dólares) com ligação portuguesa: a Farfetch, a OutSystems,

Pode ler-se no site do Ministério dos Negócios Estrangeiros que "Portugal está entre as 50 maiores economias do mundo e encontrava-se até 2020 com perspetiva positiva de crescimento, mas que o choque económico decorrente da crise causada pela pandemia do vírus SARS-CoV-2 co-



© Patrícia Silva

a Talkdesk, e a Feedzai. E estes quatro unicórnios não são casos únicos ou isolados.

Em segundo lugar, Portugal está numa ótima posição num século em que convergimos cada vez mais rapidamente para uma economia digital e não-espacial. Isto significa que, para muitas pessoas, a escolha do local de residência tem cada vez menos a ver com o trabalho. Note-se, por exemplo, a recente imigração de californianos para Portugal. Muitos deles são profissionais que, devido à natureza do seu trabalho (e.g., escritor ou engenheiro de software) podem perfeitamen-

te viver em Portugal mesmo que os seus clientes estejam na Califórnia. Outros imigrantes da Califórnia são reformados, e Portugal tem excelentes condições para atrair reformados. É verdade que a pandemia teve um impacto muito negativo no sector do turismo, mas a tendência da nossa economia é expandir a exportação de serviços para segmentos que menos sensíveis a perturbações como é o caso do turismo.

Há muitas coisas em Portugal que ainda não funcionam bem, mas há também uma grande promessa de crescimento e desenvolvimento.



MIGRAÇÕES

Brexit Call Portugal Home

O tema do Brexit – que durante os últimos anos foi tema de telejornal numa base, praticamente, diária – parece ter caído no esquecimento da maioria devido à pandemia e à guerra na Ucrânia. Depois de três anos e meio e muitas idas e vindas, a saída do Reino Unido da União Europeia, foi

oficializada às 23h do dia 31 de janeiro de 2020.

Este acontecimento é histórico, pois foi a primeira vez que um país deixou a União Europeia desde sua criação. Há ainda muitos cépticos a respeito dos benefícios e prejuízos que o Brexit pode trazer tanto ao UK como ao res-

to da UE, e destas inquietações temos verificado um fenômeno, no mínimo, curioso.

Porém, antes de partirmos para a reflexão a respeito deste acontecimento, por forma a refrescar as nossas memórias respondamos, assim, a algumas questões relativas ao Brexit.

O que é o Brexit?

A palavra propriamente dita é a abreviatura do processo inicialmente designado de “British exit”. Com o passar do tempo o termo tornou-se a representação de um conceito e do próprio processo de saída do Reino Unido da UE.

Por que razão quis o Reino Unido sair da União Europeia?

Num referendo realizado em 23 de junho de 2016, os eleitores britânicos puderam decidir se o Reino Unido deveria permanecer ou deixar a UE. A maioria — 52% dos eleitores — entendeu que o país deveria deixar o bloco (depois de 47 anos como membros da UE).

Contudo esta saída não aconteceu de imediato. Foi inicialmente marcada para o dia 29 de Março de 2019, mas o prazo, por não ser cumprido por falta de acordo, foi ainda adiado três vezes, marcando-se assim a data definitiva para 31 de janeiro de 2020.

O que diz o acordo?

As discussões centraram-se nos termos deste “divórcio”, que definiriam

como seria esta saída do Reino Unido, e não no que ocorreria após esta separação.

Johnson manteve grande parte da versão inicial do documento, mas sem o ponto mais controverso, o chamado “backstop”, uma cláusula que pretendia evitar o retorno de uma fronteira fechada entre a Irlanda do Norte (que é parte do Reino Unido) e a República da Irlanda (que é um país independente e integrante da UE).

Outros pontos do acordo de retirada são:

- Os direitos dos cidadãos da UE no Reino Unido e dos cidadãos britânicos na UE permanecerão os mesmos durante o chamado “período de transição”;
- Quanto dinheiro o Reino Unido deve pagar à UE pela saída — o valor é estimado em cerca de 30 bilhões de libras ou R\$ 170 bilhões.

Curiosamente, desde que o Brexit foi anunciado, na Ei! Assessoria Migratória temos recebido centenas de pedidos de cidadãos britânicos a pro-

curarem os nossos serviços em busca de apoio para se estabelecerem em Portugal.

Quando falam sobre as suas motivações para criarem aqui novas raízes, a maioria destes cidadãos expressa mais aspectos relacionados com o nosso país, do que propriamente o seu descontentamento com o Brexit. A segurança social e política de Portugal; uma boa e equilibrada qualidade de vida; um sistema de saúde acessível a várias carteiras, composto por profissionais competentes; o clima solarengo durante os meses de Primavera e Verão, temperado com um frio comedido e chuvas moderadas no Outono e no Inverno; o povo cálido e hospitaleiro; as praias paradisíacas e com longos areais; os preços de imóveis muito mais baixos que nas suas terras natais; o futuro promissor com a transformação digital crescente nos setores público e privado.

A Ei! continua a ser o canal condutor dessa confiança que dá forma aos sonhos de tantos cidadãos do mundo — venham eles de onde vierem.



Gilda Pereira
CEO Ei! Assessoria Migratória

| CONSELHO DAS COMUNIDADES PORTUGUESAS

O CCP continua em funções



O Conselho Permanente do CCP reuniu em Lisboa em julho passado e nesse encontro alguns temas foram objeto de atenta reflexão: a necessidade de alteração à lei 66-A; a eleição ao futuro mandato do CCP; a relação com outros Conselhos e Movimentos que tratam das Comunidades; o movimento associativo; o ensino do português no estrangeiro.

Se a missão do atual CCP, corresponde a: dar visibilidade às questões sob uma perspectiva global; buscar a plena inclusão política, social, cultural e identitária das Comunidades;

reencontrar Portugal e os portugueses, independentemente do local de residência; afirmar a Autonomia do CCP: apartidário mas não apolítico; e reafirmar o CCP como órgão representativo; é certo que os temas tratados no encontro têm importância primordial.

Tratar da alteração à Lei 66-A, que regulamenta o funcionamento do CCP, foi referendar as propostas apresentadas em 2019 e adicionar mais duas: o aumento do número de até 80 para até 100 conselheiros/as, considerando o aumento de

eleitores nas Comunidades desde 2015 (cujo tamanho quintuplicou com o recenseamento automático) e introduzir o piloto do voto eletrónico, a fim de que possa ser utilizado em outros atos eleitorais por quem vive fora de Portugal. Evidente isso é ampliar a autonomia e a importância do CCP e das Comunidades; mas será que os partidos políticos terão essa sensibilidade? Vamos acompanhar.

Também debateu-se acerca da eleição ao futuro mandato e, de forma unânime pelos Grupos Parlamentares e Governo, considerou-se aguardar a alteração da lei para ser marcada essa eleição. Em que pese haver críticos quanto ao tempo de duração do atual mandato, lembro que passamos por dois anos de pandemias e três Governos, para além do orçamento chumbado ano passado, fatores que justificam o adiamento.

E não posso deixar de registar que em mandatos anteriores houve alargamento dos mandatos (1997/2003, 2003/2008 e 2009/2016, por exemplo) o que muitos parecem esquecer...

Na tarde do primeiro dia ocorreu fundamental diálogo do CP/CCP com os Conselhos e as Redes da Diáspora: estiveram presentes o Conselho da Diáspora (Presidência da República), o Conselho da Diáspora Açoriana, a Associação para o desenvolvimento económico e social (SEDES), a Associação “Também somos Portugueses”, o Observatório de Lusodescendentes, a Associação Internacional de Lusodescendentes (AILD) e a Associação Mundial Mulher Migrante.

Todos os participantes declararam muito positiva a iniciativa

e o desejo de manter um contacto mais estreito e continuo com o CCP. Que as diversas redes possam vincular os interesses económicos, sociais, culturais e cidadãos das Comunidades ou, como lembrou a Dra. Maria Manuela Aguiar, enfatizar não somente a Lusofonia, mas também a Lusofilia.

Também nesse encontro a AILD, por seus representantes, afirmou identificar com dificuldades são o ensino da Língua (ensino como língua materna ou como língua estrangeira), e os aspetos económicos e socioculturais. Considera também que devido ao novo universo eleitoral, deve também haver uma maior representatividade. Enfatizou que o movimento associativo nas nossas Comunidades é muito importante, pois cria laços com Portugal, daí ser essencial o apoio do Governo.

Esperamos no âmbito do CCP que diálogos tão produtivos possam ser realizados mais vezes e também ações em conjunto.

Quanto ao E.P.E., ressalta-se a posição consolidada deste CCP pela universalidade para a oferta desse serviço público fundamental, salvo nos países da CPLP (Comunidade de Países de Língua Oficial Portuguesa) e ao apoio ao movimento “português para todos”. Há, portanto, necessidade da expansão e da melhoria desse serviço. Mas isso, neste mês em que celebramos os 50 anos do E.P.E., será tema do próximo artigo, assim como a questão do associativismo em nossas Comunidades. Até lá.



Flávio Martins
Presidente do Conselho das Comunidades Portuguesas

A R T E S E A R T I S T A S L U S O S

Michel William

[Website oficial](#)

[Facebook](#)



Michel William nasceu em Moçambique há 30 anos mas, desde 2015, escolheu Portugal para investir na música. A vida, as pessoas e o amor são as suas maiores inspirações num projeto que traz uma fusão de estilos como o Reggae, Funk, Ska, Blues e a Marabenta. Descobriu o fascínio pela música ainda na infância, altura em que começou tocar piano, até que aos 16 anos se apaixonou pela guitarra. Influenciado por nomes como Tom Jobim, João Gilberto, George Benson, Bob Marley, Nat King Cole e Ray Charles, entre muitos outros, foi neles que encontrou a inspiração para compor, tocar e dar voz às músicas que tem criado nos últimos anos e, através das quais, procura levar harmonia, amor e tranquilidade a quem as ouve.

O que o levou à cerca de 6 anos querer ficar em Portugal a viver?

Portugal apaixonou-me no sentido multicultural e Lisboa foi o lugar onde mais frequentei no início até começar a conhecer outras zonas. Tendo saído do meu país numa altura em que uma crise sócio económica e político militar afetava a minha perspetiva futura, Portugal foi o lugar que me trouxe esperança para me dedicar, estudar e aprofundar o que amo fazer, na área de audiovisual e música.

Tem saudades de Moçambique? Com que frequência visita o seu país natal?

Claro que sim! Saudade é a primeira coisa que me vem ao coração quando penso em Moçambique. Há 4 anos que não retorno à minha terra natal mas tudo indica que essa saudade irá ser reduzida ainda este ano.

Aos 16 anos descobre a guitarra. É nesse momento que sente a sua vocação de artista e de ser músico?

Sim, é nesta altura que a música desperta em mim uma forma para expressar meus sentimentos, pensamentos e sonhos.

Não foi algo que tivesse a aprovação dos meus pais inicialmente mas nada que tivesse feito antes me fez sentir tão presente e em paz, daí nasce a minha vontade e sonho de um dia correr o mundo a tocar e a partilhar parte da minha essência através da música.

No entanto fez um percurso por outros mundos da arte, como o design a ilustração ou até a realização. Foi pela experiência, necessidade de sobrevivência, ou o percurso de uma descoberta interior?

Sempre fui movido pelo amor ao que faço. Antes de começar a tocar, adorava desenhar e ilustrar. O design e a realização surgem como uma ferramenta para poder expressar conceitos e ideias numa outra dimensão visual, felizmente tive a oportunidade de trabalhar comercialmente nesta área em pouco tempo assim que comecei a aprender através da Internet.

Nos videoclipes e até nas capas dos álbuns, as artes criativas são da sua autoria?

Sim.

Ao longo dos anos foi construindo a sua musicalidade. Quais foram as suas principais influências?

Quando comecei a tocar guitarra passei pelo Rock interpretando Metallica, Nickelback, Guns and Roses, Eagles, e depois blues: Ray Charles, Eric





Clapton, James Blunt e de seguida interpretei sons de João Gilberto, Djavan, Tom Jobim ganhando um fascínio pela bossa nova e ai no meu segundo ano a tocar guitarra começo a tocar um pouco de flamenco com temas de Paco de Lucia, Vicente Amigo e de seguida apaixono-me também pelo funky, smooth jazz de George Benson. Isto tudo acontece numa altura em que vou ouvindo rap de intervenção e música pop. Atualmente continuo a ser influenciado também por muitos artistas e bandas da nova geração.

O seu primeiro álbum é uma fusão de vários estilos musicais, nas suas próprias palavras, Reggae, Funk, Ska, Blues, Marrabenta. É a procura de uma nova sonoridade e quem sabe de uma nova corrente musical?

Sim. Essa é uma busca constante, e o primeiro álbum é marcado com os estilos que mais me tocaram na altura, os elementos que vou buscar na *marrabenta* é uma forma de honrar um estilo originário de Moçambique.

O seu mais recente single “Chega de solidão”, foi como que uma resposta ao isolamento da pandemia?

Sim. Foi um desabafar de um sentimento que afetou a muitos e eu não fui imune a ele. Nessa altura compus a alguns temas que se vestiram desta melancolia por, por exemplo, ter tido familiares que não podia ver se estavam a dar os seus últimos suspiros no hospital e no contexto de pandemia que estávamos não era possível haver uma despedida ou um último abraço.



Recebeu algum apoio do Estado Português no período da pandemia?

Não, não me candidatei.

“Canto para a paz, para o amor e para elevação da consciência”. Acredita que a arte pode ajudar a mudar consciências e conduzir-nos a um mundo melhor, mais igualitário, com menos guerras e ódio?

Sim. Nós somos energia e ainda que a música sozinha não acabe com a guerra, ódio e com as feridas que o ser humano tem coletivamente, ela pode definitivamente influenciar e ajudar a mudar a nossa energia individual, para que vibremos no amor, na empatia, compaixão e proatividade e em prol do bem comum.

Projetos para este ano?
Quais são os próximos concertos?

Próximo concerto nos Açores, no Cordas World Music Festival, de 20 a 22 de setembro.

Para Maputo, Moçambique viagem foi adiada para 2023 por questões de saúde (Coração).

Em Tróia, no Design Troia, no dia 6 de agosto.

5 de agosto na casa da Baía em Tributo ao Reggae.

Entre outras coisas que ainda serão anunciadas na minha rede social.



Habitualmente peço no fecho das entrevisas, uma mensagem para todos os artistas do mundo, mas neste caso peço uma mensagem para o povo Moçambicano.

Vamos dar o melhor de nós a cada dia que passa. Distribuir equilibradamente a riqueza para um Moçambique melhor. Juntos vamos longe, ganhamos todos e somos mais felizes. A luta continua por um mundo melhor.



Terry Costa
Presidente do Conselho Cultural da AILD

A M B I E N T E

As “Pedras da Fome”

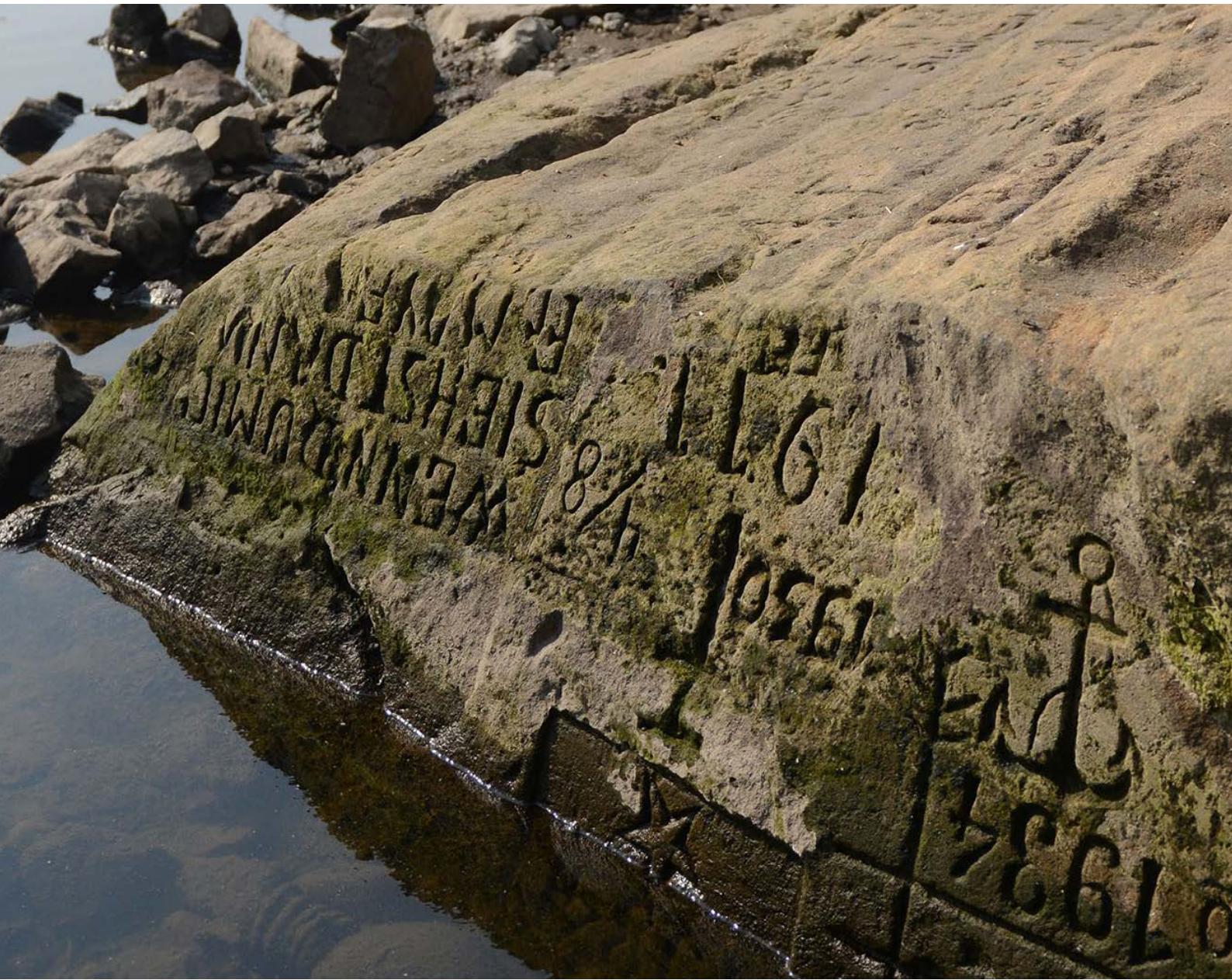
Decorria o Inverno de 1946/47. A Alemanha estava a sair derrotada da Segunda Guerra Mundial. Para agravar a situação precária das populações, uma grande fome eclodiu no país. Três grandes ondas de frio congelaram 60 quilómetros do rio Reno. O transporte fluvial da região parou, de tal modo que, nem a comida, nem o carvão para aquecimento chegaram à casa das pessoas. A somar às mortes provocadas pela guerra nos anos anteriores, as mortes por frio e fome foram muitas nesse Inverno. A inscrição “Ano da Fome 1947” numa das pedras, deu o nome a todas as outras, que



desde então se passaram a chamar – “Pedras da Fome”. Ao longo dos tempos, sobre essas pedras, localizadas nos leitos dos rios Reno e Elba, foram-se registando vários anos de seca. Esse “ano de fome” de 1947 ficou profundamente gravado não apenas nas pedras, mas também na memória das pessoas que o vivenciaram. A privação de alimentos foi de tal ordem que, sobre esses tempos difíceis, Herr Erdmann Höra escreveu o seguinte: “Sómente a fome nos tocava na época. Não ansiamos mais por carne assada e molho, não, apenas batatas, mesmo que fossem bem verdes. (...) Algumas pessoas infelizmente só sonhavam com isso...”.

As pedras escondidas em águas profundas, perto de

Worms-Rheindürkheim, só ficam visíveis quando os níveis da água estão muito baixos, em anos muito quentes e secos – 2022 está a ser um desses anos! Entre as várias inscrições gravadas nas pedras, pode ler-se: “Ano 1857”. Um pouco mais abaixo: “Ano da Fome 1947”. Seguindo-se os anos de seca de “1959” e “1963”. No “Anno 2003”, uma nova inscrição. Em 2009 (“2009 DS”), mais um ano de pouca chuva, que fez reaparecer as “Pedras da Fome”. No final de 2011, um novo registo, tendo sido o mês de Novembro mais seco, desde 1881. Nesse ano, o nível do Reno media apenas 22 centímetros e, além das “Pedras da Fome”, apareceram algumas relíquias da Segunda Guerra Mundial.



Esses anos de seca e fome foram imortalizados por desenhados, que esculpiram nas rochas, para memória futura, as datas desses eventos extremos.

Estas inscrições sobre as pedras, além de reminiscências de tempos difíceis provocados pela seca, alertam para as consequências da falta de água e para as repercussões decorrentes da escassez desse bem essencial, nomeadamente,

para a quebra das produções agrícolas e para a fome. Os baixos níveis de água impedem a naveabilidade dos rios, dificultando desse modo, as trocas comerciais e a entrega de alimentos.

Uma das “Pedras da Fome” mais famosas é a de Děčín, na República Tcheca, na qual se pode ler: “Se você me vir, chore”, esculpido em alemão. Esta inscrição é uma das mais



antigas, datando de 1616. Localiza-se no rio Elba, próxima da fronteira entre a Alemanha e a República Checa.

Numa outra pedra da fome, localizada na Baixa Saxónia, está escrito: “Se esta pedra desaparecer, a vida florescerá novamente”.

Apesar de serem eventos que foram acontecendo ao longo

dos séculos, as secas extremas, como a que actualmente assola Portugal e o resto da Europa, são apenas mais uma de entre as várias consequências do aquecimento global e os seus impactes são consideráveis, não só nas plantas e nos animais selvagens e domésticos, mas também no desenvolvimento económico e na vida das pessoas.



Vítor Afonso
Mestre em TIC

Poq Identidade

1.

*atrás de nós
os mastros*

*à nossa frente
os monstros
e na parede
os astros*

2.

*em que parede
os astros*

se atrás de nós

os mastros

*e à nossa frente
os monstros*

Ana Luísa Amaral

Seleção de poemas Gilda Pereira

| SAÚDE E BEM ESTAR

Libertem as Crianças*



Ao longo da minha atividade profissional tenho verificado que as crianças estão cada vez mais dependentes dos adultos e muito menos autónomas.

As crianças não vão para a rua brincar, nem à mercearia na porta ao lado e muito menos sozinhas para a escola.

Os pais, quando questionados sobre estes factos, referem que o índice de criminalidade é muito maior hoje em dia e consideram, globalmente, estarmos perante uma sociedade muito mais insegura.

Com o início de mais um ano escolar, proponho-me fazer, neste artigo, uma reflexão da mudança de hábitos na vida das nossas crianças e as repercussões motoras, psicológicas e sociais que daí advêm.

Pretendo levar-vos numa estrada de perguntas e respostas, de modo a refletirmos em conjunto sobre estes temas.

Antes do 25 de abril, Portugal era profundamente ideológico na defesa dos valores tradicionais “Deus, Pátria, Família”.

As mulheres ficavam em casa na lida doméstica, com um rol de filhos atrás, e os homens dedicavam-se ao trabalho para sustentar a família.

As mulheres casadas só podiam sair do país com autorização dos maridos.

A escolaridade devia ser básica, de 4 anos e visava que todos aprendessem a ler, escrever e contar. O acesso aos outros graus de ensino e à universidade era para uma pequena élite. As escolas tinham uma turma de cada sexo, uns da parte da

manhã, outros da parte da tarde. A mortalidade infantil e o analfabetismo atingiam níveis escandalosos.

Antes do 25 de abril, muitas crianças e jovens não tinham possibilidades de ir à escola e eram obrigados a trabalhar, isto numa idade em que deviam estar a estudar e a brincar.

O brincar era colocado para segundo plano. Não era valorizado, nem tão pouco se tinha tempo para tal.

“Brincar é um comportamento de escolha livre, dirigido pessoalmente, com um propósito explorador, de risco e procura adaptativa, aprendizagem e com enorme empenho de imaginação e fantasia. Os benefícios são muito significativos em termos de capacidade adaptativa (motora, cognitiva, emocional e social), cultura de sobrevivência, confronto com a adversidade, regulação emocional, autoconfiança, relação social e de ganhos significativos de competências motoras, cognitivas e sociais.” (Carlos Neto, 2020).

As conquistas de Abril, no seu enquadramento histórico, foram bem mais extensas e não se esgotaram no que diz respeito à liberdade e à associação política.

Os filhos do 25 de abril foram a primeira geração a crescer num ambiente de descompressão, com liberdade de expressão.

Provavelmente, terá sido a última geração de crianças com liberdade de movimentos, habituadas a ir sozinhas para a escola desde cedo. Passavam as tardes a brincar na rua com os vizinhos, sem controlo parental, correndo grandes perigos.

(...) Quando éramos pequenos viajá-

vamos em carros sem cintos e airbags (...) comíamos batatas fritas, bebíamos groselhas com açúcar e coca-cola, mas nunca engordávamos porque estávamos sempre a brincar na rua (...) Estávamos incontactáveis e ninguém se importava com isso (texto: “Se nasceste antes de 1986”).

A imaginação era a líder de todas as brincadeiras.

Estivesse o calor mais abrasador ou a chuva miudinha, a diversão só acabava quando o Sol começava a pôr-se e as mães iam à janela chamar para jantar. O grande elemento aglutinador do imaginário dos anos 80 foi, sem dúvida, a televisão. A RTP era a única estação, dividida por dois canais complementares. As emissões não duravam 24 horas. Em casa, o ecrã da televisão servia para dois propósitos: para ver os desenhos animados, servidos em doses moderadas nas tardes de semana e nas manhãs de fim-de-semana, e as novelas e concursos ao serão, em família.

A televisão passou a ser um eletrodoméstico de massas, indispensável em qualquer casa. Mais tarde, nos anos 90 surgem as televisões privadas.

A comunicação social (CS) tem um papel importante no campo político, social e económico de toda sociedade. A CS incute na população uma consciência, uma cultura, uma forma de agir e de pensar.

Não existem estudos científicos que validem de que forma é que os meios de comunicação social influenciam a opinião pública, no entanto, parece existir uma relação sólida entre o discurso sobre a criminalidade e a sensação de insegurança.

Na realidade, o principal objetivo de

alguns canais de televisão é chamar a atenção do público e obter lucro. Assim, são exímios no uso de notícias sensacionalistas, principalmente de factos negativos, como homicídios, raptos, assaltos e violações, disseminando um sentimento de insegurança no seio social, ocasionando o surgimento da cultura do medo e formando uma “Sociedade do Medo”, Bauman (2010).

A televisão tenta retratar os factos de forma a tornar a informação o mais real possível aproximando os acontecimentos do quotidiano das pessoas e fazendo-as crer que aquela situação de risco poderá acontecer a qualquer momento dentro de suas próprias casas, nos seus grupos sociais. Assim, os telejornais propagam informações sensacionalistas através da exploração da dor alheia, do constrangimento de vítimas desoladas e da violação da privacidade de algumas pessoas.

Podemos considerar a investigação desenvolvida por Maria Benedicta Monteiro (1984), sobre “A Construção Social da Violência - Perspetiva Cognitiva e Desenvolvimental”, enquadrável numa perspetiva global dos efeitos dos Media. Este estudo teve como objetivo principal explorar os efeitos da violência filmada sobre os comportamentos agressivos dos pré-adolescentes e sobre as suas representações da realidade social.

Num dos estudos desenvolvidos, foi apresentado a um grupo de pré-adolescentes do meio urbano, um filme violento e um filme não violento. A autora concluiu então que, depois de ver um filme violento, os pré-adolescentes sentem medo de serem vítimas e acreditam que os crimes tendem a au-



mentar e consideram que é bem justificada a intervenção de agentes de autoridade. Quando são colocados numa situação experimental de agressão e têm oportunidade de punir um companheiro que os tenha provocado, eles não hesitam em fazê-lo. Ou seja: depois de passar por uma experiência emocional de medo, de insegurança e de apelo à proteção ao ver um filme violento, segue-se um comportamento de agressão. Benedicta Monteiro comenta estes resultados referindo que “os sujeitos procederam provavelmente a uma elaboração cognitiva do seu estado emocional em função destes sinais, o que os leva a reagir agressivamente”.

Posto isto, dei por mim a procurar dados reais, com o intuito de validar se a criminalidade seria muito maior hoje comparativamente com a existente nas décadas de 80/90.

Tendo por base, o Relatório Anual de Segurança Interna

(RASI), entre 2008 e o ano de 2020, a criminalidade geral passou de 421.037 participações para 298.787 (redução de 29%) e, dentro desta, a criminalidade violenta e grave diminuiu 48,7%. Atualmente, a criminalidade violenta e grave representa 4,2% de toda a criminalidade participada.

Nesta figura, retirada do RASI do ano de 2020, podemos apurar que o crime de violência doméstica contra cônjuge ou análogo continua a ser a tipologia criminal mais participada em Portugal. Nas burlas, destaque para o crime de burla informática e nas comunicações que, pelo terceiro ano consecutivo, regista aumento superior a 20%.

Outra grande preocupação dos pais é o número de crianças desaparecidas/raptadas.

Vamos a dados reais, de facto desaparecem mais de mil crianças todos os anos em Portugal. No entanto, segundo dados do



Instituto de Apoio à Criança, a fuga de casa ou de uma instituição é o principal motivo do desaparecimento, seguindo-se o rapto parental.

No portal da Polícia Judiciária, desde o ano 1990, existem 7 crianças que continuam desaparecidas. Obviamente, que basta uma criança para que este número seja considerado hediondo. No entanto, tenho a certeza que a opinião pública considera que este número é muito mais elevado.

De acordo com o Global Peace Index (2021), Portugal ocupa o 4.º Lugar dos países mais seguros do mundo. A Islândia ocupa o topo da lista, seguida por Nova Zelândia e pela Dinamarca. Em suma, tem-se verificado nas últimas décadas, um declínio da autonomia e independência das crianças com consequências inevitáveis no desenvolvimento de competências

motoras, cognitivas, emocionais e sociais. Pelo contrário, constata-se um aumento significativo de patologias mentais, nomeadamente, ansiedade, depressão e pensamentos suicidas na transição da adolescência para a idade adulta, já para não falar, na tendência crescente para o excesso de peso, obesidade e diabetes.

Ainda é cedo para percebermos as reais consequências desta mudança de paradigma, mas já existem sinais bastante preocupantes. Importa não esquecer que todos nós, individualmente ou em grupo, somos intervenientes ativos da sociedade em que estamos inseridos.

Neste sentido, espero ter contribuído para uma reflexão entre os dados concretos e os mitos que restringem e condicionam o desenvolvimento pleno das nossas crianças.



Sílvia Faria de Bastos
Psicóloga/Neuropsicóloga



| PELA LENTE DE
Jens Hackradt









Meu trabalho se caracteriza pelo cuidado com as composições, o rigor técnico e a profundidade de campo, ou seja, a nitidez em que todos os planos da imagem podem ser observados. Gosto de realizar uma imagem não como aparece, mas a forma e os tons que vejo. É a luz e a sombra fazendo o seu generoso trabalho, em graduações diferentes de qualidade.

Defendo a observação e análise individual das partes de uma imagem e não a análise padrão inicial do humano, que consiste em agrupar tudo numa única imagem. É mais fácil se concentrar em contrastes, composições, formas, sombras e na luz natural que é um recurso para a fotografia em preto e branco. Deste modo, a cor pode funcionar como uma forma de distração; em razão disto, sinto mais livre quando realizo uma fotografia em preto e branco.

*É preciso enxergar... você é o centro de sua fotografia, e a câmera é só um instrumento de interpretação. De acordo com Henri Cartier-Bresson; “A vida é colorida, a fotografia é preto e branco”.
É bem por ai!*

*“A simplicidade é o último grau de sofisticação”.
(Leonardo da Vinci)*

| COM LUPA: CÁ DENTRO

Um convite do outono à docura da vindima



A tradição das vindimas em Portugal (uma breve contextualização)

Certamente que sabe que neste mês nos despedimos do verão e abraçamos uma nova estação: outono. Com esta, além das paisagens naturais marcadas pelos tons quentes e pelas folhas que caem e preenchem os passeios, chega igualmente o período para a colheita de tudo o que já amadureceu, em particular das videiras. A cultura da vindima carrega uma história longa em Portugal, assumindo pois, um papel determinante na etnografia do país. Durante muitos anos tratou-se de um momento de celebração, no qual homens e mulheres trajados a rigor, se reuniam para a atividade acompanhada de ranchos folclóricos e canções típicas. E, se, atualmente a vindima já não se trata de uma enorme festa, os sentimentos de união e convívio man-

têm-se, assim como o gosto pelo contacto com a natureza. Diria que é praticamente impossível falarmos de Portugal sem ser feita uma menção aos vinhos, para tal, viajarmos por algumas das terras onde se pratica esta arte torna-se a decisão perfeita para realmente conhecermos as vindimas.

Começamos com uma empresa familiar de renome, testemunhada pelo seu enólogo de referência – Paulo Nunes, no que diz respeito à produção de vinhos nas regiões do Douro, Trás-os-Montes e mais recentemente Alentejo: Costa Boal Family Estates. Herdeiro de uma família de viticultores estabelecidos no Douro há mais de 150 anos, António Boal investiu na expansão do seu domínio com



novas vinhas e empenhou-se na revitalização e requalificação (em 2014) da antiga adega da sua família, com vista a preservar um legado patrimonial único. Na região do Douro e berço desta entidade, com a já mencionada adega antiga, presenciam-se lagares tradicionais de granito, onde se pisam a pé as uvas dos vinhos de destaque, como é o caso do Vinho do Porto Centenário da Costa Boal. Este Tawny oriundo das vinhas velhas do Douro, não foi refrescado há pelo menos três décadas. Mantido em pipas de carvalho até à data de engarrafamento (2019) este tesouro vai impressioná-lo com uma secura e acidez aliadas a uma

intensidade aromática que persevera no ambiente muito para além do período de consumo. Aqui podem encontrar quatro quintas da empresa: Quinta dos Tojais (Cabêda, Alijó), Quinta do Sobreiro (Vila de Maçada, Alijó), Quinta Vale de Mouro (Foz Côa) e Quinta da Pia (Porrais, Murça). Para Trás-os-Montes predomina a diversidade, desde a recuperação de vinhas históricas centenárias, como a de Miranda do Douro até a um moderno centro de vinificação em Mirandela, provido de alta tecnologia, com sala de envelhecimento do vinho em barrica, linha de montagem e expedição. Destaque para o vinho Palácio dos Távoras

Grande Reserva Tinto, proveniente da Quinta dos Távoras em Mirandela. Este topo de gama tinto é mais um Grande Reserva, das vinhas velhas, caracterizado por ser um vinho de corpo cheio, boa acidez e boa complexidade aromática. Estagia durante 14 meses em barricas novas de carvalho francês. Por fim, para o Alentejo, sobressai o seu “terroir” muito particular, com Estremoz a demonstrar a sua qualidade de vinhos. Da Quinta dos Cardeais saem verdadeiras relíquias, tais como o Monte dos Cardeais Escolha Branco, um vinho diferenciador tanto pelo seu volume como pelo seu aroma, que lhe confere uma enorme versatilidade para mesa. Estagia em inox com barras finas que lhe atribuem a estrutura.

Seguimos para o palco das vindimas, para quem deseja participar ativamente e ter um contacto direto com as mesmas: a Quinta da Pacheca! Com cerca de 75 hectares

de vinhas próprias plantadas no Património Mundial da Humanidade, classificado pela UNESCO em 2001, a Quinta da Pacheca foi uma das pioneiras na região a engarrafar vinhos DOC sob marca própria, pelo seu foco constante e insistente na produção de vinhos DOC do Douro e do Porto de qualidade. A par desse foco, o início do projeto do enoturismo tornou possível a realização de visitas guiadas à propriedade e venda dos seus vinhos, bem como a inauguração do “The Wine House Hotel Quinta da Pacheca” em 2009. Sem dúvida que tem que visitar este hotel e usufruir da possibilidade de dormir literalmente em pipas gigantes - “Wine Barrels”, que lhe vão dar a completa vivência rural! Este espaço disponibilizar-lhe-á portanto uma oferta turística alargada, o que o torna num destino de excelência. Para as vindimas conta então com 3 possíveis experiências: a 8 de setembro, “Harvest Experience”, que





consiste num dia inteiro de colheitas, com pequeno-almoço, apanha das uvas, almoço, prova de vinhos e lagarada (pisar as uvas), e o custo de 85 € por pessoa; a 6 de setembro, “Tradicional Grape Stomping + Wine Tasting”, que se trata de uma visita guiada com direito a prova de vinhos e novamente a lagarada, pelo custo de 30 €; e a 5 de setembro, “Tradicional Grape Stomping + Wine Tasting + Traditional Dinner”, que lhe leva em mais uma visita guiada, prova de vinhos e lagarada, com a adição de um jantar tradicional, pelo custo de 60 €. Não se esqueça que estes eventos têm bastante afluência, por isso faça o quanto antes a sua reserva!

Agora, se é um amante de experiências sobre os carris, vai adorar a iniciativa da CP – Comboios de Portugal! O evento “Festa das Vindimas do Douro” (dias 10 e 24 de setembro) leva-o num comboio especial em carruagens de 1^a e 2^a classe, no percurso Porto Campanhã/Pinhão e Régua/

Porto Campanhã, com partida às 08h00 e regresso pelas 20h16. Para adulto em 1^a classe o custo é de 79,50 € e em 2^a classe é de 75 €. Para criança (4-12 anos) em 1^a classe o custo é de 43,50 € e em 2^a classe é de 39 €. Vai ficar a conhecer a histórica Quinta da Avessada, com 160 anos de existência, que foi a primeira da região a plantar a casta Moscatel Galego, e por conseguinte, a produzir o Moscatel de Favaios. Com este evento pode usufruir de degustações, música popular, almoço regional, provas documentadas e inclusivamente fazer parte do processo das vindimas! Garantimos-lhe que vai ser um dia a recordar na sua vida!

Uma larga maioria de nós passa todo o seu tempo nas cidades, a trabalhar, passear, estudar...as vindimas são uma excelente oportunidade para escaparmos a essa rotina e contribuirmos para uma das mais belas tradições portuguesas. Por isso, já sabe o que vai fazer este mês! Encontramo-nos numa das quintas à sua escolha!



Fatinha Pinheiro
Geógrafa

| C O M L U P A : L Á F O R A

Lanzarote

A ilha de Saramago



Lanzarote conhecida como a Ilha Negra, cor predominante da atividade vulcânica, apresenta-se como o destino para esta viagem. Nesta ilha os viajantes poderão contemplar praias de areias douradas, trilhos que se desenvolvem em paisagens vulcânicas completamente inóspitas.

A história desta ilha reporta ao tempo dos Romanos e Fenícios, na qual existem registos que a ilha seria habitada por tribos beribéris que viviam exclusivamente da pasto-rícia. Os primeiros registos de um europeu em Lanzarote, remontam ao ano de 1312, nomeadamente a uma expedição liderada famigerado marinheiro genovês Lanceloto Malocello Nos anos de 1730 a 1736 existem registos de erupções vulcânicas que terão conduzido à destruição de diversas vilas, dando origem a uma debandada populacional. Os interesses nas Ilhas Canárias levaram ao Rei Filipe V a proibir o abandono da ilha, com receio que a coroa portuguesa pu-

desse invadir o território.

A ilha de Lanzarote é à primeira vista um local hostil à presença humana, todavia à medida que o visitante se embrenha na ilha descobrirá um povo alegre, marcado pela saudável convivência com as catástrofes naturais e potenciando o que de melhor o vulcão pode trazer.

Parque Nacional Timanfaya

O Parque Nacional de Timanfaya (Reserva Unesco) situa-se na parte sudoeste da ilha caracterizando-se por uma área de 51km² repleta de vulcões.

As visitas guiadas incluem 3 tours: Rota de Dromedário (passeio curto de dromedário pela ladeira da Montanha de Timanfaya); Rota Termesana (rota a pé com guia). Por último, e a mais concorrida, a Rota dos Vulcões, é realizada de autocarro, e permite que o visitante veja as paisagens in-

críveis do Timanfaya após as erupções ocorridas entre os séculos XVIII e XIX, assim como as Montanhas de Fogo, e a Caldera del Corazoncillo.

Aproveite para almoçar no El Diablo, o único restaurante existente no parque, onde a atração é um enorme grelhador sobre as profundezas da terra, cujo calor geotérmico é utilizado para cozinhar os alimentos. Recomendo a visita em autocarro visto que existem roteiros/estradas diferentes para autocarros e viaturas particulares.

Vulcão do Corvo - Volcan El Cuervo

Para os amantes de vulcões, nada melhor do que fazer o triângulo do vulcão do Corvo, uma vez que permitir andar pela cratera do vulcão. Este vulcão foi o primeiro a entrar em erupção em 1730, sendo que a volta completa ao vulcão são cerca de 4 km, mas é sempre plano e de fácil deslocação.

Jameos del Água

Uma gruta vulcânica que foi aproveitada para criar um espaço cultural, da autoria do arquiteto local, César Manrique. Dentro existe um lago natural que está em contato

com o mar, onde habitam caranguejos muito pequenos e albinos, espécie rara e única no mundo. Para além disso, apresenta uma câmara ampla no interior, transformada em auditório, onde graças à sua particular acústica, pode-se assistir a concertos de música clássica. A 850 metros dos Jameos del Água, encontra-se a Cueva de los Verdes, que representa um dos maiores tubos vulcânicos no mundo, criado pelo vulcão de La Corona, com cerca de 7km (em que apenas 1km é visitável), sendo que no passado foi refúgio dos habitantes de Lanzarote para se protegerem dos piratas no século XVII.

Cidade de Teguise

É a cidade mais antiga das Canárias, localizando-se na parte norte da ilha, e foi a capital de Lanzarote por 450 anos. É privilegiada pela sua posição elevada, e o seu centro histórico com casas brancas e baixas é rodeada de paisagem vulcânica. As principais atrações desta vila são a igreja de Teguise, a casa da fundação de Cesar Manrique, o moinho, o castelo de Santa Bárbara, a escultura do vento de Cesar Manrique, e o mercado.





Jardín de Cactus

O jardim dos cactos é uma das principais atrações turísticas e fica na vila de Guatiza.

Este jardim, foi um dos projectos de Cesar Manrique, tendo sido criado em 1991, e inclui mais de 4500 cactos, não só de Lanzarote, mas também do resto do mundo.

La Geria – Viniculturas

A paisagem árida e inóspita propicia um tipo de construção que visa capturar humidade no ar. O engenho humano deu origem a um conjunto de escavações cónicas que procuram acolher videiras dando a origem a um vinho e paisagem única.

Mirador del Rio

Para quem procura uma bela vista sob a ilha La Graciosa, e a costa norte de Lanzarote, tem o Mirador del Rio, que se situa a cerca de 475m de altura, representando em si uma obra de arte do ponto de vista arquitectónico (também projectado pelo arquitecto Manrique).

Casa José Saramago

Localizada em Tias, a casa de Lanzarote onde viveu e trabalhou José Saramago, foi transformada na Casa-Museu José Saramago. Este é o local onde o prémio nobel da literatura, escreveu obras como “Ensaio sobre a cegueira” e “A viagem do Elefante”. Esta visita, permite-nos conhecer intimamente as divisões da casa, cheias de fotos e objetos pessoais, assim como relaxar sentados na varanda de Saramago a disfrutar a vista maravilhosa.

Los Charcones de Lanzarote

As piscinas naturais de Los Charcones encontram-se a sul de Lanzarote, a cinco minutos de carro de Playa Blanca. A paisagem é fantástica, as cores da água espectaculares, tendo o som do mar de fundo para relaxar.

Museu Atlântico

É o primeiro museu de esculturas subaquáticas do mundo, e esta é sem dúvida, uma experiência única para mergulhadores. Fica situada perto da Marina Rubicon, e as esculturas são obra do artista Jason deCaires Taylor.



Ilha La Graciosa

É um passeio de barco obrigatório (desde Lanzarote do porto de Orzola até à ilha La Graciosa são 30min). Poderá desfrutar das belas praias com areia dourada e águas azul-turquesa, fazer snorkeling ou mergulho. Visite a povoação pitoresca de Caleta del Sebo, com as suas pequenas ruas em areia, e restaurantes tradicionais em frente ao mar.

A maioria dos visitantes procura Lanzarote devido às suas praias, podendo destacar a afamada Playa de Papagayo, localizada a sudeste da ilha, no Parque Natural de Los Ajaches, com água cristalina e areia fina.

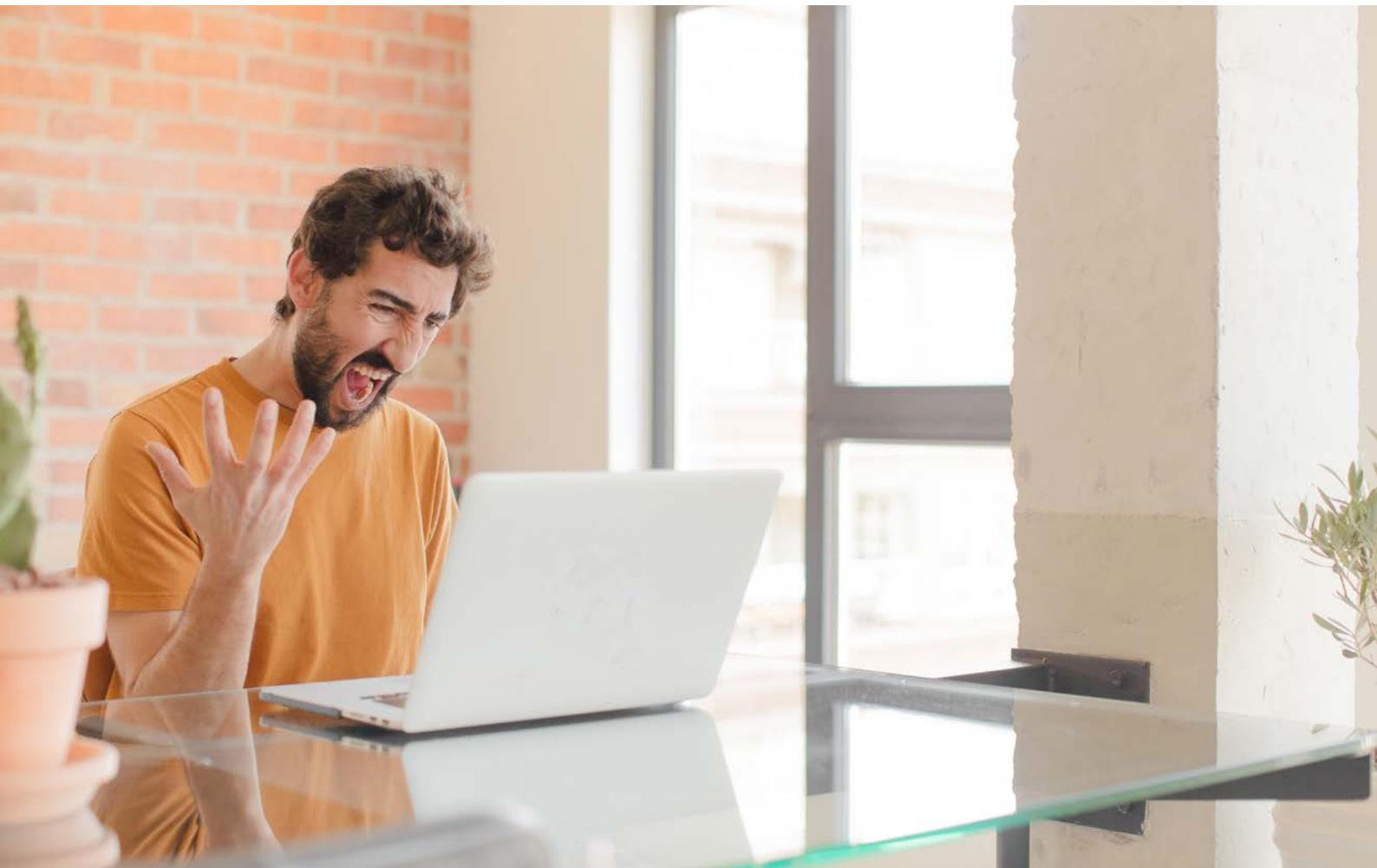
A Playa de Famara localiza-se a norte e é popular entre os surfistas, e um dos melhores spots para ver o pôr-do-sol. A Playa Blanca é uma das estâncias balneares mais famosas que merece uma visita. Lanzarote é sem sombra de dúvida abençoado pela paisagem e as suas águas quentes, todavia não se engane estamos numa ilha em pleno oceano atlântico, na qual os fortes ventos podem demonstrar a sua força. A ilha de Fuerteventura dista apenas umas horas de viagens podendo ser avistada de Lanzarote.

Visite a ilha mais oriental do arquipélago espanhol das Canárias. Lanzarote, terra de vulcões adormecidos, paisagens áridas e artistas que ali encontraram a inspiração.



João Costa

Doutorando em Sistemas Sustentáveis de Energia



| FALAR PORTUGUÊS

Como não ser uma besta na Internet

Um português atrás dum teclado sofre tal transformação que apenas conseguimos encontrar algo parecido quando pomos o mesmo português atrás dum volante.

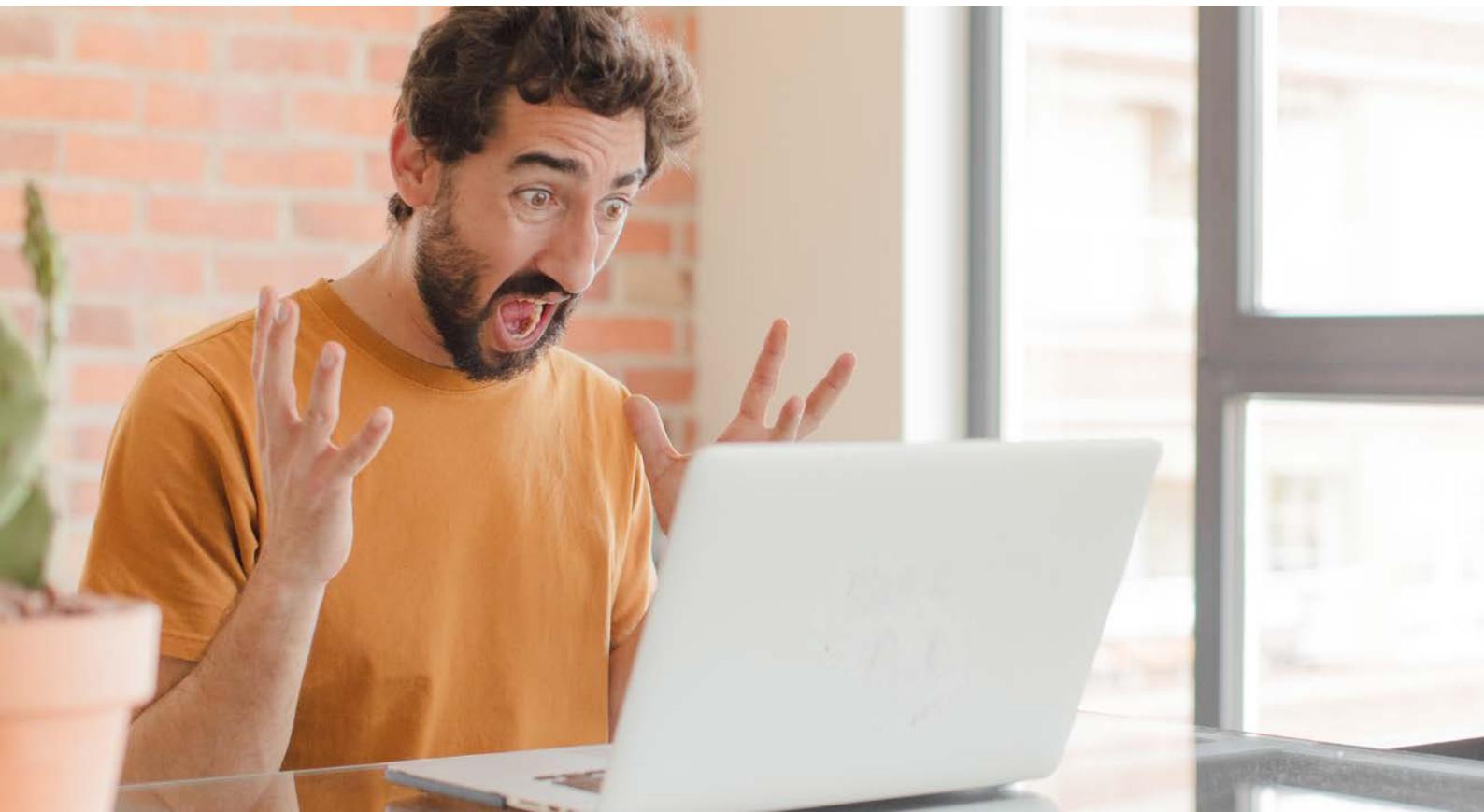
Que ninguém se julgue imune ao efeito: esta metamorfose pode acontecer com qualquer um de nós. Tal como na estrada, às vezes, o mais pacato dos cidadãos transforma-se num rufia dos antigos quando se vê com um teclado nas mãos e a possibilidade de comentar alguma coisa.

Também não julguem que este é um problema exclusivamente nacional: este mau comportamento online parece ir

beber muito fundo na natureza humana...

Ora, como evitar ser uma besta quadrada quando estamos a comentar alguma coisa na Internet? Podemos tentar seguir estas três sugestões:

Ler os artigos que comentamos. É muito habitual encontrarmos comentários que só podem ter sido escritos por quem não leu o artigo que está a comentar. Talvez este fenómeno seja a continuação da veneranda tradição de falarmos de livros que não lemos — mas é também a origem de muitos comentários cheios de indignação por algo que o autor não



disse: o comentador lê o título a correr e chega a conclusões muito distantes do que o autor queria dizer.

Contar até dez antes de comentar seja o que for. Será que temos mesmo de responder de imediato? Se esperarmos algum tempo, talvez consigamos ler o artigo que vamos comentar com outros olhos e outra calma. Ninguém nos garante que a primeira leitura, a quente, não esteja errada ou, pelo menos, incompleta. No final desses dez segundos, podemos ainda decidir se não será melhor discutir a questão por email ou mensagem privada. Assim, não transformamos os comentários numa guerra de galos, muito pública, em que ninguém quer perder a face.

Imaginar que estamos a falar pessoalmente com autor do artigo que queremos comentar.

Afinal, todos nós estamos habituados a discordar em con-

versas de café ou com amigos. Raramente essas conversas se transformam nas guerras de insultos que vemos todos os dias na Internet. Porquê? Porque sabemos discutir com algum tacto. O simples facto de imaginarmos o autor do artigo à nossa frente e pensarmos na forma como diríamos de viva voz o que temos para dizer ajuda-nos a diminuir o grau de agressividade dos nossos comentários.

Por último, um conselho extra: não devemos usar MAIÚSCULAS nem pontos de exclamação em excesso!!!! Mesmo que tenhamos toda a razão do mundo, as maiúsculas e os pontos de exclamação significam apenas que estamos a tentar gritar com o autor do artigo — aliás, podíamos abolir completamente o uso online do ponto de exclamação que não viria grande mal ao mundo. Afinal, em qualquer discussão, quem grita mais alto não tem mais razão. É apenas mais desagradável.

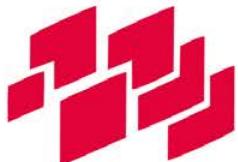


Marco Neves
Universidade Nova de Lisboa

CONSULTORIA FISCAL E DE GESTÃO



Ao seu Lado
acompanhando
o seu negócio
quer seja desenvolvido
em nome pessoal ou
através de uma
sociedade de forma
personalizada



cisterdata
consulting

Business Adviser, Gabinete de Contabilidade
Processamento de Salários, apoio fiscal e ao estatuto RNH

Apoiamos a nossa atividade há já duas décadas
a partir das cidades de Lisboa, Paris, Marraquexe.



Lisboa, Paris, Marraquexe



+351 211 978 542



info@cisterdata.pt



www.cisterdata.pt

As áreas de suporte
e apoio à gestão
são ajustadas às suas
necessidades
potenciando o seu
negócio tendo
em conta a nossa
experiência
internacional.

DIREITO FISCAL

Alterações da Carta de Condução estrangeira em Portugal

contact@rfflawyers.com

<http://rffassociados.pt>



Recentemente, este XXIII Governo Constitucional de Portugal veio alterar o Código da Estrada, através de Decreto-Lei – entrado em vigor no passado dia 1 de agosto. As alterações tem o objetivo de aliviar as condições exigidas para tornar válido em Portugal o título de condução emitido por Estado-Membro da OCDE ou da CPLP.

Integram o elenco dos países visados a Suíça, a Austrália, o Canadá, os Estados Unidos, a França, o Brasil, Angola e Cabo Verde, entre outros.

Passam agora a ser títulos habilitantes para a condução de veículos

a motor, em Portugal, os títulos de condução emitidos por esses Estados-Membros, sempre que: (i) o Estado seja subscritor de Convenção internacional de trânsito rodoviário ou de acordo bilateral com o Estado português, (ii) não tenham decorrido mais de 15 anos desde a emissão ou última renovação do título e (iii) o titular tenha menos de 60 anos de idade.

Nota-se que continua a ser necessário que os titulares dos títulos em questão tenham a idade mínima exigida pela lei portuguesa para a respetiva habilitação – 18 anos de idade – e, ainda, que os

referidos títulos não se encontrem apreendidos, suspensos, caducados ou cassados por força de disposição legal, decisão administrativa ou sentença judicial aplicadas ao titular.

Por fim, caso o titular do título emitido por Estado-Membro da OCDE, da CPLP, ou da UE prenda a troca do título estrangeiro por carta portuguesa, esta troca continua a estar condicionada ao cumprimento dos requisitos fixados no regulamento da habilitação legal para conduzir (RHLC), sem prejuízo de dispensa de prova do exame de condução.



Rogério M. Fernandes Ferreira
Rogério Fernandes Ferreira & Associados

| **FISCAL**

Incerteza

Nesta vida poucas coisas são certas, a não ser a morte e os impostos, de resto existe sempre um certo grau de incerteza.

Os empreendedores adotam várias estratégias para minimizar o grau de incerteza que envolve a atividade que vão empreender, para manterem e desenvolverem os seus negócios.

A incerteza é uma das piores coisas que pode acontecer, a quem procura desenvolver um negócio ou construir uma carreira profissional.

Tomemos exemplos recentes de factos que elevaram a incerteza a um nível extremo: COVID e Guerra na Ucrânia.

Principalmente na Europa, nestes cenários a atividade económica entra numa profunda depressão, as empresas adiam investimentos, expansões de negócios e contratações, até que tudo esteja menos incerto. Por sua vez os consumidores com a possibilidade de perder o emprego, começam a consumir menos, a adiar compra de determinados bens, casas, carros, etc... e assim começa uma espiral que se auto-alimenta para retrair investimentos, empregos e a atividade económica em geral.

A incerteza pode ser das piores coisas

para se lidar, mas para alguns pode representar a oportunidade da sua vida...

Vejamos, agora um exemplo português: Um sector onde podemos verificar o efeito nefasto da incerteza é o que verificamos na área da saúde, o problema não é tanto falta de médicos ou salários, é sobretudo o nível que incerteza a que os médicos estiveram sujeitos ao longo destes anos, sem poder estabelecer um horizonte de certeza para a sua carreira, vida familiar, descanso, e até os meios materiais e humanos que iram encontrar em cada dia para desenvolver a sua atividade. Cansados de lidar com toda esta situação, ano após ano, procuram refúgio no sector privado.

Infelizmente para o sector público os médicos que saem, dificilmente voltam, uma vez que, começam a sentir os benefícios de viver numa maior certeza proporcionado pelos hospitais privados. Por outro lado os hospitais privados, por cuidarem da certeza, vão poder proporcionar ainda melhores condições aos médicos, pois não lhe faltaram clientes, já que também os utentes procurarão refúgio nos hospitais privados, de forma a protegerem, por exemplo, a vida das futuras mães e bebés, sabendo que

nunca irão viver o pesadelo que têm vivido com os hospitais públicos.

Prestem a atenção à estratégia de comunicação que os hospitais privados adotaram, para transmitirem certeza e confiança aos seus utentes.

Em todo o mundo, encontramos agentes económicos que gostam particularmente ambientes de incerteza extrema: os jogadores de casino, os fundo "abutres" e as máfias que beneficiam da manipulação dos mercados e os especuladores.

Os jogadores de casino gostam da emoção de perder tudo, os fundos "abutres" aparecem para aproveitar-se do medo reinante e comprarem ao desbarato, as máfias que não tem problemas em investir nestas circunstâncias, essencialmente em mercados públicos, porque sabem de antemão que vão ganhar os concursos públicos, e os especuladores têm oportunidades únicas para se aproveitarem das fragilidades do mercado.

Nunca devemos hesitar em recorrer a um contabilista certificado para desenvolver uma atividade económica, sobretudo para ganhar maiores certezas, mas em cenários de grande incerteza convém também arranjar um vidente...



Philippe Fernandes
CEO Cisterdata



Quando falham certos detalhes tudo se torna inútil.

info@amostradeletras.pt

.M.
amostra de letras
COMUNICAÇÃO



WWW.EIMIGRANTE.PT

VIVA OS SEUS SONHOS VIVA EM PORTUGAL



+351 217 960 436



GERAL@EIMIGRANTE.PT



@EIMIGRANTE



AV. FONTES PEREIRA DE MELO, 35-2ºA 1050-118 LISBOA
RUA FELICIANO DE CASTILHO, 66 4000-293 PORTO